

**CONSULTA**

Para

Maurício,

meu marido,

por tudo que é para mim,

além de ser o responsável

pelo meu Mestrado.

15

REDUNDÂNCIA MORFOLÓGICA E REDUNDÂNCIA SEMÂNTICA:  
UMA REAVALIAÇÃO DA INTERDEPENDÊNCIA

por

GÉUZA MACHADO HOSKEN

Macro-Área de Lingüística e Filologia

Dissertação de Mestrado em Lin-  
güística apresentada à Coordena-  
ção dos Programas de Pós-Gradua-  
ção em Letras da Universidade Fe-  
deral do Rio de Janeiro em convê-  
nio com a Universidade Federal de  
Juiz de Fora.

Orientador acadêmico: Professora  
Mestra Miriam Lemle.



Juiz de Fora, MG, 2º semestre de 1979.

UNEB - DEP. IV - JAC.

EXAME DA DISSERTAÇÃO

HOSKEN, Gêuza Machado. Redundância morfológica e redundância semântica: uma reavaliação da interdependência. Juiz de Fora, 1979. UFRJ/UFJF, Instituto de Ciências Humanas e Letras. Dissertação de Mestrado. 127 fl. mimeo.

A BANCA EXAMINADORA:

---

Professora Mestre Miriam Lemle - ORIENTADORA

---

Professora Doutora Margarida Maria de Paulo Basílio

---

Professor Doutor Jürgen Heye

Examinada a Dissertação

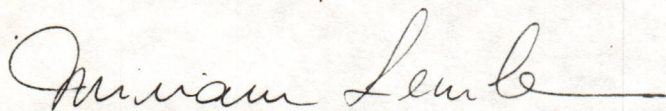
Conceito

Em ..... de 1979

EXAME DA DISSERTAÇÃO


HOSKEN, Gêuza Machado. Redundância morfológica e redundância semântica: uma reavaliação da interdependência. Juiz de Fora, 1979. UFRJ/UFJF, Instituto de Ciências Humanas e Letras. Dissertação de Mestrado. 127 fl. mimeo.

A BANCA EXAMINADORA:




---

Professora Mestra Miriam Lemle - ORIENTADORA



---

Professora Doutora Margarida Maria de Paulo Basílio



---

Professor Doutor Jürgen Heye

Examinada a Dissertação

Conceito

Em ..... de 1979

Queremos expressar nossa profunda e sincera gratidão à Professora Miriam Lemle pela sua solícita e lúcida orientação, que nos possibilitou esta dissertação, cujas falhas não lhe pertencem.

Ao Professor Mário Camarinha da Silva agradecemos a competente supervisão deste trabalho quanto aos aspectos técnicos de planejamento, metodologia e formalização. Somos-lhe gratos ainda por ter coordenado nosso Mestrado junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

À Professora Nancy Campi de Castro agradecemos o esforço e dedicação no desempenho da função de Coordenadora de nosso Curso junto à Universidade Federal de Juiz de Fora. Nossos agradecimentos se estendem ainda a todos os que trabalharam para a concretização de nosso Mestrado.

À Secretaria de Estado da Educação e Cultura de Minas Gerais, especialmente agradecemos por ter-nos possibilitado a realização do Mestrado.

Desejamos ainda que nossa gratidão abarque todos os que colaboraram na concretização deste trabalho.

O estudo dos aspectos semânticos das línguas se encontra muito aquém da investigação de suas dimensões gramaticais e fonológicas. Isto se deu porque os lingüistas têm procurado, muito justificadamente, basear a análise gramatical em fundamentos mais firmes do que uma implícita e intuitiva noção de significado. Mas, enquanto é certo que os aspectos formais da linguagem têm de ser descritos numa base formal, não há razão por que sua estrutura semântica não possa ser estudada como tal... É necessário operar... com descrições de significado explícitas, verbalizadas e válidas.

\* URIEL WEINREICH

## S I N O P S E

O tratamento lexicalista para o fenômeno da nominalização. Avaliação do método de medida da redundância lexical. Uma proposta de Jackendoff e uma análise alternativa, baseada na discussão empírica da questão, envolvendo relações temáticas no léxico português.

ca errada: professor e commission

- 2.2 - Verbos compostos de prefixo e raiz
- 2.3 - Compostos nominais
- 2.4 - Expressões idiomáticas
- 2.5 - Argumento diacrônico: groseberry > gooseberry
- 3 - UM CASO DO PORTUGUÊS: UMA INCOMPATIBILIDADE SEMÂNTICA NA DERIVAÇÃO NOMINAL
  - 3.1 - Esclarecimento prévio
  - 3.2 - Relações gramaticais e estrutura funcional
    - 3.2.1 - A insuficiência semântica das relações gramaticais
    - 3.2.2 - Relações temáticas
  - 3.3 - As definições essenciais
  - 3.4 - Incompatibilidade entre os sentidos de agente e tema para os sufixos derivacionais
  - 3.5 - Dois únicos casos de compatibilidade entre os sentidos de agente e tema
  - 3.6 - Considerações finais
- 4 - CONCLUSÕES
- 5 - NOTAS
- 6 - BIBLIOGRAFIA
- 7 - APÊNDICE

## CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

\* - palavra ou forma não encontrada realmente, mas cuja existência é inferida, ou seja, forma hipotética (na etimologia).

> - origem de

↔ - sentido duplo

SV - sintagma verbal

SN - sintagma nominal

Z - conjunto de traços que caracterizam semanticamente nome e verbos cognatos

P - permutação

A - adjetivo

V - verbo

N - nome

S - categoria semântica

M - categoria morfológica

TVP - teoria do verbete pleno

## P R E F Á C I O

Nosso objetivo neste trabalho não foi simplesmente testar, em português, uma teoria já aplicada a outra língua. Creemos que a tentativa de acompanhar a expansão do trabalho dos lingüistas não implica a aceitação passiva de seus modelos ou sua mera testagem. Apoiados em argumentos empíricos, podemos participar do debate das questões teóricas. É mister realizar experiências, em vez de simplesmente transpô-las para nossa língua, registrando-as, abonando-as servilmente. Espírito científico não supõe subserviência. As últimas soluções propostas devem ser discutidas e mesmo contraditas, se necessário,

Seguindo, pois, a rota do exame dos fenômenos empíricos em função das questões teóricas gerais, empreendemos uma análise de pares de cognatos nominais e verbais. O que nos levou a isso foi o desejo de reconsiderar o problema do relacionamento das regras lexicais de redundância morfológica e semântica, cuja investigação teórica mais séria se acha consubstanciada no artigo de Jackendoff, Morphological and semantic regularities in the lexicon (1975).

Segundo Jackendoff, o sufixo não estabelece regularmente o significado do nominal associado ao verbo do qual se deriva morfológicamente, o que, em termos estruturalistas, vale dizer que não se pode atribuir significados aos sufixos. Entretanto, pelo menos com relação ao português, essa afirmação não pode deixar de causar um certo desconforto. Como já assinalou Basílio (1977), sufixos há, como por exemplo -inho, cuja função é acrescentar ao substantivo uma noção semântica muito clara de diminuição da dimensão do ser por ele nomeado.

Outrossim, é inegável que existe uma certa regularidade na contribuição semântica dos prefixos aos itens lexicais dos quais fazem parte.

Considerando alguns casos onde parece arbitrária a relação entre certos sufixos e certos valores semânticos, Jackendoff opta por analisar os nomes deverbais como casos de redundância morfológica, sem redundância semântica. O mesmo faz com os nomes cujas bases lexicais inexistem na fase atual da língua. Valendo-se desses argumentos, decide-se pela separação das regras de redundância lexical. A seguir surge a questão, se o uso delas, na avaliação de cada item lexical, poderá ocorrer em separado ou deverá dar-se em conjunto. Essa bifurcação é avaliada em detalhe, daí resultando duas possibilidades para o método de avaliação: a versão permissiva na qual pode ser contada, num dado vocábulo, uma redundância morfológica sem contraparte semântica, e a versão restritiva segundo a qual uma redundância morfológica requer sua contraparte semântica. Jackendoff acaba por optar pela versão permissiva, considerando uma série de fatos do inglês atual nos quais se vê a redundância morfológica atuando sozinha.

Nosso pensamento, entretanto, é que o acoplamento das redundâncias, se não existe em determinados casos no estágio atual da língua, já existiu numa etapa passada da língua. Nessa etapa, portanto, havia a interdependência. Na fase atual, perdido o elo semântico entre os itens, a coincidência formal parece-nos dever ser considerada apenas fonética, e não morfológica. Outrossim, discordamos da radicalidade que leva a considerar-se o sufixo (de modo geral e total) um morfema vazio de sentido. Surge, então, uma pergunta. Qual das

alternativas da medida de avaliação descreve o funcionamento real da língua? Cumpre assim, percorrer o caminho da indagação teórica através da investigação do fenômeno empírico. Na tentativa de contribuir para a elucidação do problema aplicamos as relações temáticas de Gruber (revistas por Jackendoff) a um corpus constituído de nomes deverbais que, semanticamente, correspondem a papéis temáticos em relação aos verbos dos quais se derivam morfologicamente.

O padrão encontrado na correspondência entre formas e sentidos revela uma sistematicidade: não há coincidência entre os sufixos que correspondem à função semântica de agente e os que correspondem a tema. Essa incompatibilidade, como fato lingüístico, contradiz a previsão de Jackendoff com relação à associação assistemática e aleatória entre argumentos verbais e sufixos nominalizadores, firmada pela versão permissiva. Por outro lado, essa incompatibilidade sistemática favorece a previsão da versão restritiva, em decorrência da qual só se pode considerar redundante uma correspondência morfológica se, juntamente com ela, houver uma ligação semântica. Esta colocação distingue, pois, a redundância morfológica da mera identidade fonética ou rima e é a que corresponde à realidade do funcionamento da língua.

Após essa constatação, que nos conferiu um argumento de opção, partimos para o debate dos argumentos trazidos por Jackendoff como favoráveis para a versão permissiva. Nessa parte, fomos buscar auxílio na pesquisa etimológica e nos recursos de interpretação semântica-2.

Com relação ao português, a validade deste trabalho consiste na pequena contribuição que ele fornece ao poder pre-

ditivo do léxico, já que traz à luz a regularidade que existe nas correspondências entre cada sufixo nominalizador deverbal e as funções temáticas dos nomes.

## 1 - INTRODUÇÃO

### 1.1 - Uma teoria lexicalista para a derivação morfológica: Jackendoff 1975

#### 1.1.1 - Esclarecimento prévio

Jackendoff (Morphological and semantic regularities in the lexicon. 1975) propõe uma teoria do léxico, baseando-se na Hipótese Lexicalista de Chomsky (Remarks on nominalization. 1970). Objetiva assim desenvolver uma noção de regras de redundância que possibilite descrever adequadamente as relações parciais e características idiossincráticas do léxico. Para tratar do fenômeno da derivação morfológica coloca em confronto duas abordagens lexicalistas de regras de redundância, com suas respectivas medidas de avaliação. Entre as teorias do verbete empobrecido e do pleno, conclui pela última, tomando as nominalizações como base de suas explicações.

A Hipótese Lexicalista visa explicar a relação primitivo/derivado dentro de um componente lexical da gramática. As regras que expressam tal relação recebem o nome de regras de redundância, cuja formulação tem apresentado problemas. Uma pergunta que surge é como as regras de redundância reduzem o conteúdo de informação independente do léxico. Há duas possibilidades.

#### 1.1.2 - As duas teorias lexicalistas

##### 1.1.2.1 - A teoria do verbete empobrecido

Esta teoria dá ao nome primitivo um verbete completamente especificado e ao nome derivado um verbete especificado incompletamente. A regra de redundância preenche

a informação ausente a partir do verbete primitivo, após a inserção lexical do derivado. O conteúdo de informação independente é reduzido, porque o verbete do nome deverbal pode ser introduzido com o preenchimento incompleto. Como na visão transformacional, a medida de avaliação se constitui da simples contagem de símbolos.

Abaixo podemos observar um verbete lexical típico desta teoria. Todos os elementos são tradicionais, excetuando-se o número do verbete, cuja única função é identificá-lo, independentemente de seu conteúdo.

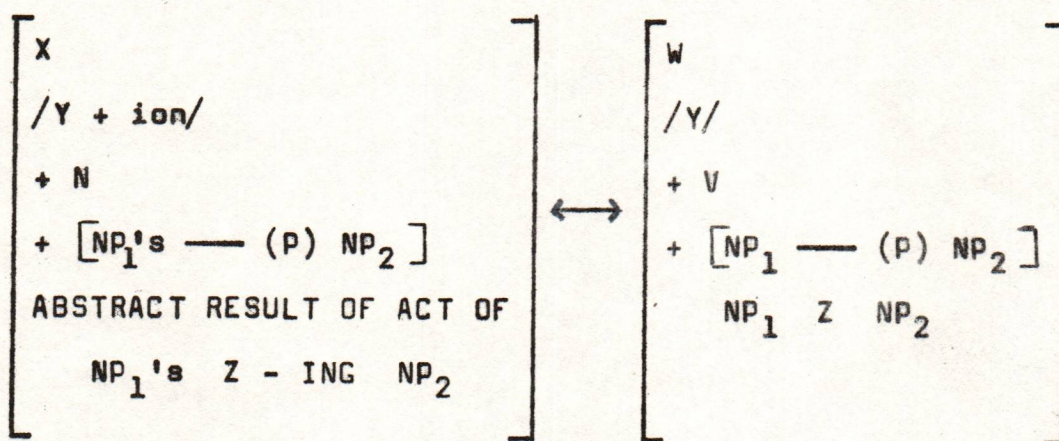
(1) [ número do verbete  
/representação fonológica/  
traços sintáticos  
REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICA ]

Assim o primitivo decide terá a forma (2), onde o número de entrada é arbitrário. Um complexo de marcadores semânticos dá a representação semântica. Os argumentos sintáticos do verbo se correlacionam aos argumentos semânticos pelos índices dos NPs. (Ver Jackendoff, em seu livro de 1972, Semantic interpretation in generative grammar, cap. 2).

(2) [ 784  
/decid/  
+ V  
+ [NP<sub>1</sub> — on NP<sub>2</sub> ]  
NP<sub>1</sub> DECIDE ON NP<sub>2</sub> ]

Jackendoff introduz, agora, a regra de redundância (3), onde a seta bidirecionada é lida como a relação simétrica "é lexicalmente relacionada a". Interpreta-se a regra como: um verbete lexical X, contendo determinadas propriedades, relaciona-se a um verbete lexical W também com suas propriedades. Essa regra tem por função descrever a relação fixa que existe entre nomes abstratos com o sufixo -ion e suas respectivas bases verbais. (Para o português, a regra análoga relacionaria nomes em -ção com suas bases verbais: declara-ção - declarar).

(3)



Dada a existência de (3), o deverbal decision precisa somente do verbete lexical:

(4)  $\left[ \begin{array}{l} 375 \\ \text{derivado de 784} \\ \text{pela regra 3} \end{array} \right]$

O verbete lexical para decision se reduz a uma dupla referência, ao verbo e à regra de redundância. Tal simplificação dará cobertura a muitos outros nomes.

## 1.1.2.2 - A teoria do verbete pleno

Esta segunda possibilidade requer verbetes completamente especificados para o par primitivo/derivado. Supõe ainda que a regra de redundância não participa da derivação de sentenças, como na teoria transformacional e na do verbete empobrecido. Ela representa um papel na determinação da medida de informação para o léxico. Designa como redundante a informação no verbete lexical predita pelo item lexical que lhe é relacionado. Assim a informação redundante não será contada como independente. Os verbetes terão a forma de (1), menos o número do verbete. Decide terá a forma de (2), sem o número do verbete. Decision, entretanto, terá o verbete (5):

$$(5) \left[ \begin{array}{l} /decid + ion/ \\ + N \\ + [ NP_1's \text{ --- } on NP_2 ] \\ ABSTRACT RESULT OF ACT OF \\ NP_1's DECIDING NP_2 \end{array} \right]$$

Na avaliação do léxico, computar-se-á a soma de informação independente introduzida pelo novo verbete lexical. O conteúdo total de informação do léxico será dado pela adição de todos os verbetes.

A convenção (6) mede a informação que um novo item lexical adiciona a um dado léxico.

## (6) (MEDIDA DE INFORMAÇÃO)

Dada uma entrada lexical W, especificada completamente, a ser introduzida no léxico, a informação indepen-

dente, por ela adicionada ao léxico, é:

- (a) a informação de que  $W$  existe no léxico, ou seja, que  $W$  é uma palavra da língua; mais
- (b) toda a informação em  $W$  que não pode ser predita pela existência de alguma regra de redundância  $R$  que permita a  $W$  ser parcialmente descrita em termos de informação já no léxico; mais
- (c) o custo de referência à regra de redundância  $R$ .

O custo de referência do par decide/decision será a informação de que duas palavras existem, mais a informação total da entrada (2), mais o custo de referência à regra de redundância (3). Cumpre observar que, ao estabelecer-se o conteúdo de informação do léxico inteiro, a fim de tornar menor a soma dada pelas sucessivas aplicações de (6), em geral, os itens derivados, por serem mais complexos, devem ser introduzidos depois de seus primitivos. Mede-se o conteúdo de informação do léxico, como em (7):

(7) (CONTEÚDO DE INFORMAÇÃO DO LÉXICO)

Dado um léxico  $L$  contendo  $n$  entradas,  $W_1, \dots, W_n$ , cada permutação  $P$  das unidades  $1, \dots, n$  determina uma ordem  $A_P$ , na qual  $W_1, \dots, W_n$  podem ser introduzidas no  $L$  (léxico). Para cada ordenamento  $A_P$ , introduzir as palavras uma por uma e adicionar a informação especificada gradativamente pelo procedimento (6) para obter a soma  $S_P$ . O conteúdo de informação independente do léxico  $L$  é a lista de  $n!$  somas  $S_P$ , mais o conteúdo de informação das regras de redundância.

Consideremos em (8), como a teoria do verbete pleno define uma medida de avaliação, favorecendo a gramática que

incorpora a regra de redundância.

(8) (MEDIDA DE AVALIAÇÃO DA ENTRADA PLENA)

De dois léxicos descrevendo os mesmos dados, aquele com um conteúdo de informação mais baixo é mais altamente valorizado.

O princípio básico desta teoria (o estabelecimento da medida de avaliação para diminuir o total de informação não predita que o falante conhece ou aprendeu) é o mesmo das anteriores. Entretanto, já não se considera como medida de informação imprevisível o número de símbolos no léxico, mas a saída da medida de informação (7). A quantidade total de informação apresentada por dois itens lexicais relacionados é, pois, menor do que quando eles não se relacionam.

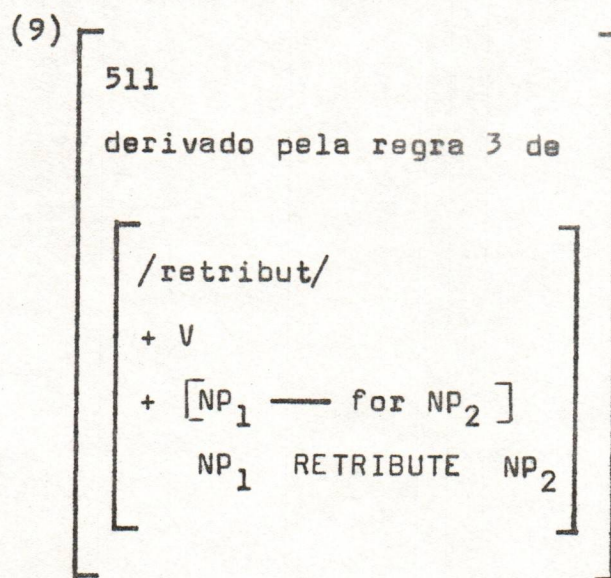
1.1.3 - Argumento de Jackendoff favorável à teoria do verbete pleno

Veamos agora, por que apesar de sua aparente complexidade, Jackendoff considera preferível a teoria do verbete pleno à teoria do verbete incompleto. Seu argumento provém da consideração de palavras, cuja afixação é predita pela regra de redundância, mas cujas supostas bases derivacionais não são itens lexicais do inglês. Como, por exemplo, aggression, retribution, fission, que apesar de portadores de propriedades morfológicas e semânticas dos nomes descritos na regra de redundância (3), não possuem os verbos associados \*aggress, \*retribute, \*fiss. O problema é dar conta do fato de que esses itens contêm menos informação independente do que itens monomorfêmicos, porém mais do que aqueles relacionados a itens lexicais legítimos.

Para a descrição desses verbos, a teoria transformacional propõe um item lexical hipotético marcado, obrigatoriamente, para sofrer a transformação de nominalização. (Ver o trabalho de Lakoff, em 1971, Syntactic irregularity). Entretanto, tais itens hipotéticos, como \*fiss, constituem exceções absolutas positivas a transformações de formação de palavras, isto é teriam de receber uma marca especial que tornasse obrigatória a aplicação da regra de nominalização. Para Jackendoff (1972) esse mecanismo (exceção absoluta positiva) é excessivamente poderoso para ser incluído na teoria gramatical. Considera ainda, como contra-intuitivo, o uso do traço de exceção para evitar que um item lexical apareça em sua forma básica. Seria interessante aprender que \*fiss é palavra real, mas não que é hipotética. Outra consideração é a de que falta evidência para um léxico onde cada nome com informação semântica funcional tem um verbo relacionado, como, por exemplo, o verbo hipotético \*king, para o nome king, que teria de ser postulado para dar generalidade à transformação que derivaria ruler de to rule. Jackendoff considera, pois, o relato transformacional incorreto ao nível da adequação explanatória.

Apreciemos agora suas considerações sobre a teoria do verbete empobrecido. Esta visão oferece-nos duas opções para o tratamento dos ascendentes derivacionais inexistentes. Ou incorporar itens lexicais hipotéticos ou encontrar um artifício para descrever itens lexicais relacionados a uma raiz não lexical. De acordo com a primeira possibilidade, o verbete de retribution não é especificado completamente; a

palavra se relaciona (pela regra de redundância (3)) ao verbo retribute, marcado [-Inserção Lexical]. Este traço, ou melhor, esta indicação mais restritiva elimina o uso de exceções absolutas positivas para transformações. Entretanto, Jackendoff crê ser interessante eliminar esse traço também, pois estranha verbetes totalmente caracterizados como palavras, sem serem palavras. A língua será mais simples, não só removendo os itens lexicais hipotéticos, mas também o traço [-Inserção Lexical]. Assim, considera como segunda possibilidade substituir verbetes lexicais hipotéticos por verbetes especiais para itens derivados. Esses verbetes teriam a forma de (9). Neles, o derivado já não se relaciona a um verbo hipotético, como, por exemplo, \*king (verbo) / king (nome). A relação estabelecida agora é entre um nome derivado e uma raiz não lexical.



Assim (9) terá, como custo, a informação de que há uma palavra retribution, mais a informação dentro dos colchetes internos, mais o custo de referência à regra de redundância. Nossa intuição parece estar descrita corretamente, con-

siderando-se que a referência cruzada custa menos que a informação adicional /ion/ e RESULTADO ABSTRATO DE ATO.

Jackenfoff, a seguir, mostra que também (9) deixa a desejar pela artificialidade que introduz na descrição de conjuntos como aggression-aggressive-aggressor, aviation-aviator, e retribution-retributive. Se há raízes hipotéticas \*aggress, \*aviate, \*retribute, cada um dos membros desses conjuntos pode se relacionar à sua raiz pela adequada regra de redundância (3), (10a), ou (10b), onde (10a) e (10b), respectivamente, descrevem pares como predict-predictive e protect-protector. (A porção semântica não aparece em (10a e 10b), devido à separação das regras morfológica e semântica, de que trataremos posteriormente).

$$(10) \text{ a. } \begin{bmatrix} x \\ /y + ive/ \\ + A \end{bmatrix} \longleftrightarrow \begin{bmatrix} W \\ /y/ \\ + V \end{bmatrix}$$

$$\text{b. } \begin{bmatrix} x \\ /y + or/ \\ + A \end{bmatrix} \longleftrightarrow \begin{bmatrix} W \\ /y/ \\ + V \end{bmatrix}$$

Eliminando-se itens lexicais hipotéticos, em favor de entradas como (9) para retribution, ter-se-ia, em (11) e (12), duas possíveis entradas para retributive:

(11) [ 65  
 derivado pela regra 10a de  
 [ /retribut/  
 + V  
 + NP<sub>1</sub> — for NP<sub>2</sub>  
 NP<sub>1</sub> RETRIBUT NP<sub>2</sub> ] ]

(12) [ 65  
 derivado por 3' e 10a de  
 511 ]

Na segunda possibilidade, (3') é o inverso de (3), ou seja, regra que deriva verbos de nomes em -ion.

Retributive se relaciona, pois, a retribution por uma seqüência de regras de redundância. O conteúdo de informação independente do par retribution-retributive é a informação de que há duas palavras, mais a informação dos colchetes internos de (9), mais o custo de referência de (3'), uma vez (isto é, derivação de retribute a partir de retribution), e a 10a, duas vezes (isto é, derivação de retributive a partir de retribute). Essa explicação parece ainda suspeita, por considerar retribution mais básica que retributive. Entretanto, a inversão da ordem não acarretaria diferença de custo. Tanto nos pares, quanto nos trios, a escolha de um elemento como básico seria puramente arbitrária. A formali-

zação do léxico deveria evitar tal arbitrariedade. Como vimos a teoria do verbete incompleto recorre, pois, ou a um item lexical hipotético (como \*retribute) ou a uma entrada contendo outra entrada, artificial e problemática como (9).

A teoria do verbete pleno é dada como preferível por captar a generalização sem auxílios extras. Depreende-se de (6b) que a medida de informação independente na entrada lexical se prende à existência de informação redundante em qualquer lugar no léxico, mas, necessariamente, não se liga à existência de verbetes lexicais relacionados. Sirva como exemplo a palavra avulsa perdition, que não tem outra relacionada como \*perditive etc, mas que contém a terminação -ion da regra (3), o que constitui uma regularidade no léxico. Irregular é o que é descrito no lado direito dessa mesma regra, ou seja, a parte de perdition que corresponde à raiz não lexical \*perdite. Entretanto, o custo desta raiz (\*perdite) representa somente um papel indireto, aparecendo na avaliação de perdition como a diferença entre o custo total de perdition e o do sufixo. A teoria do verbete pleno capta nossas intuições sem usar um item lexical hipotético, já que em nenhuma parte do léxico, essa raiz aparece como entrada lexical independente. O conteúdo de informação de perdition é, pois, a informação de que há uma palavra, mais o custo da raiz, mais o custo de referência à regra de redundância (3) - menor que a informação contida na própria terminação (-ion).

Consideremos o par, sem raiz, retribution-retributive. O conteúdo de informação de retribution é o mesmo de perdi-

tion. É bom lembrar que \*retribute não consta do léxico. A entrada no léxico para retributive é predita a partir de retribution, mais as regras de redundância (3) e (10a). O custo do par nessa ordem, será a informação de que há duas palavras, mais a informação na raiz \*retribute, mais o custo de referir a regras de redundância três vezes (ou seja, uma vez em retribution e duas em retributive). Alterando-se a ordem de adição, retributive-retribution, o conteúdo de informação permanece inalterado, apenas, o custo da raiz será avaliado em retributive. Logo, não há ordem melhor, nem item básico. O mesmo se observa com relação ao trio aggression-aggressor-aggressive. A teoria do verbete pleno fornece, pois, uma descrição de pares e trios com raízes não lexicais, partindo não da irregularidade da raiz, mas da terminação regular, predita pelas regras de redundância. Evita assim os inconvenientes das duas alternativas encontradas pela teoria do verbete empobrecido, ou sejam, uma raiz no léxico ou a afirmação de que um membro do grupo é básico.<sup>1</sup>

Essa teoria revela ainda maior adequação, quando contrastada com a Teoria Transformacional, no estudo desses itens. Jackendoff vê uma enorme violência na análise de Lakoff (Syntactic irregularity. 1971), que recorre a uma exceção absoluta positiva e combinações de traços de exceção, a fim de descrever a distribuição de \*aggress pelas nominalizações -ion ou -or e adjetivação -ive.

Na teoria do verbete pleno o léxico abarca toda a informação sobre todas as palavras existentes, sendo o relacionamento expresso pela medida de informação. Evita os artifí-

cios das teorias transformacional e do verbete empobrecido, apresentando adequação de descrição e medida de avaliação diferente da usualmente empregada. Daí a preferência de Jackendoff pela teoria do verbete pleno, que será referida pelo termo "teoria lexicalista".

#### 1.1.4 - A separação das regras de redundância

Dentro da teoria lexicalista (TVP), a regra de redundância (3) estabelece o relacionamento dos itens num duplo nível, morfológico e sintático. Entretanto, sua formulação não dá conta do fato de que além do significado particular - ABSTRACT RESULT OF ACT OF V-ING - associado à terminação -ion, outras relações semânticas diferentes podem corresponder-lhe. Em M1 (parte morfológica de (3)), M2 e M3 temos algumas regras morfológicas:

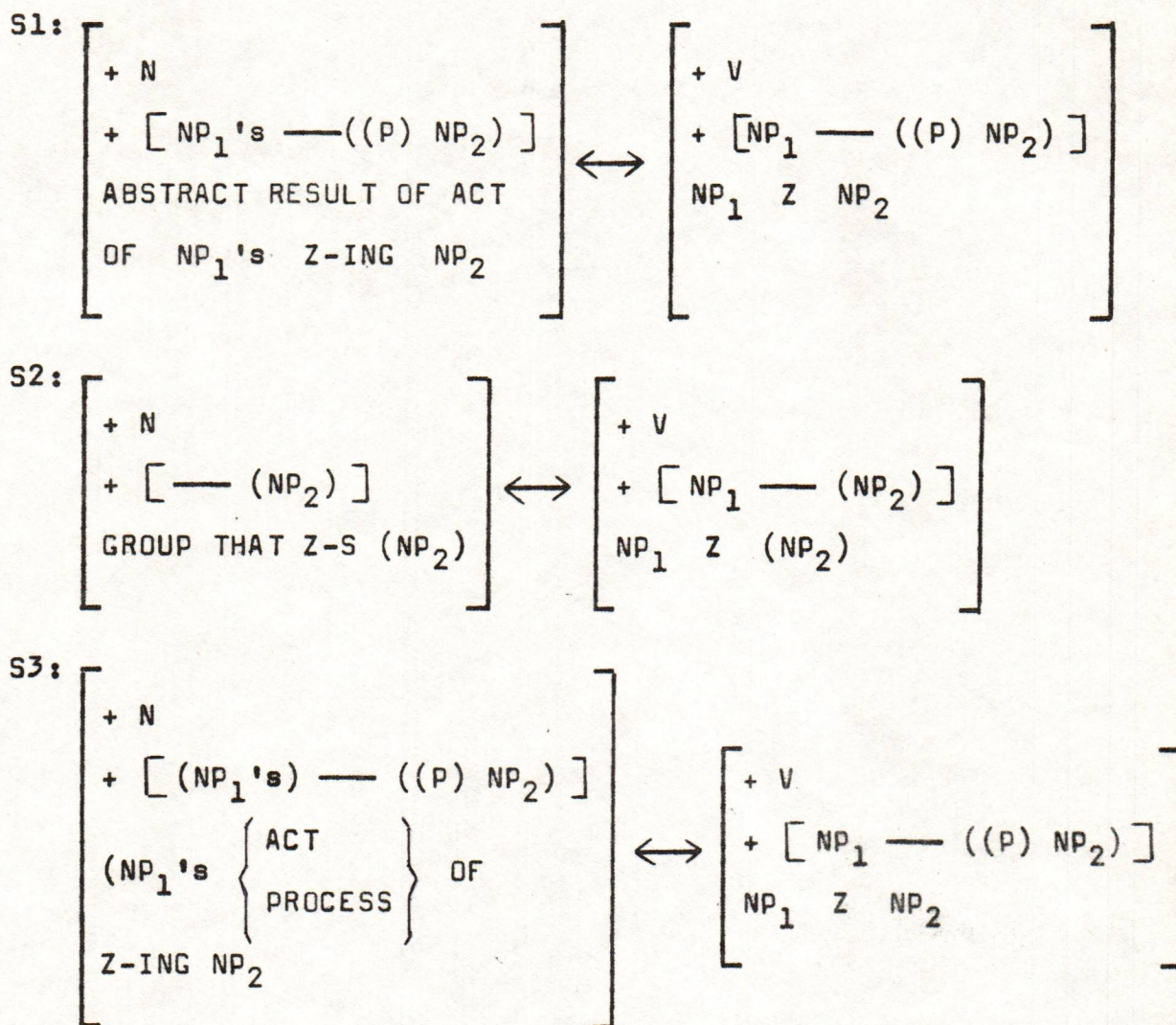
$$(13) \text{ M1: } \left[ \begin{array}{l} /y + ion/ \\ + N \end{array} \right] \longleftrightarrow \left[ \begin{array}{l} /y/ \\ + V \end{array} \right]$$

$$\text{M2: } \left[ \begin{array}{l} /y + ment/ \\ + N \end{array} \right] \longleftrightarrow \left[ \begin{array}{l} /y/ \\ + V \end{array} \right]$$

$$\text{M3: } \left[ \begin{array}{l} /y + al/ \\ + N \end{array} \right] \longleftrightarrow \left[ \begin{array}{l} /y/ \\ + V \end{array} \right]$$

Algumas das regras semânticas são S1 (a parte semântica de (3)), S2 e S3.

(14)



Vejamos um exemplo de classificação cruzada das relações morfológicas e semânticas, na tabela (15). Cada série contém nomes da mesma categoria semântica e cada coluna, nomes da mesma categoria morfológica.

(15)	M1	M2	M3
S1:	discussion	argument	rebuttal
S2:	congregation	government	
S3:	copulation	establishment	

Ou seja, John's discussion of the claim, John's argument a-

gainst the claim, e John's rebuttal of the claim, relacionam-se semanticamente a John discussed the claim, John argued against the claim, e John rebutted the claim, respectivamente, devido às condições de subcategorização e interpretações semânticas expressas em S1. Observa-se o mesmo com relação a S2 e S3. Há ainda, no inglês, outros sufixos nominalizadores como -ition (supposition), -ing (writing) e Ø (offer). Como há também outras relações semânticas: ONE WHO Z's (writer, occupant) e THING IN WHICH ONE Z's (residence, entrance). Assim, o que se observa é que uma família de afixos nominalizadores se associa a um conjunto de relações semânticas entre nome e verbo. E como, dentro desse conjunto, a seleção dos afixos apresenta um aspecto aleatório, a medida de informação deve medir o custo de referência a regras morfológicas, independente das semânticas. Cumpre observar que a redundância morfológica é anterior e indispensável ao estabelecimento da relação semântica. Caso contrário, existirá só informação independente, como em king, que não se relaciona morfológicamente a um verbo. Outra questão delicada é considerar ou não redundante um relacionamento puramente morfológico. Este problema será tratado a seguir.

#### 1.1.5 - A versão permissiva e a versão restritiva

Acabamos de ver como foi estabelecida a necessidade de separação entre as regras de redundância morfológica e as de redundância semântica. O problema seguinte é o de estabelecer se seu uso será em conjunto ou não. Dependendo da solução tomada, a medida de informação (6) deverá ser reformulada, sendo as duas alternativas possíveis, expressas nos

itens b e c de (16). Essas hipóteses recebem o rótulo de hipótese permissiva e hipótese restritiva, respectivamente.

(16) (MEDIDA DE AVALIAÇÃO)

Dada uma entrada lexical W, especificada completamente, a ser introduzida no léxico, a informação independente, por ela adicionada ao léxico, é:

- (a) a informação de que W existe no léxico; mais
- (b) (forma permissiva) toda a informação em W que não pode ser predita pela existência de uma regra-M que permita ser W parcialmente descrita em termos de informação já no léxico, incluindo outros itens lexicais e regras-S; ou
- (c) (forma restritiva) toda a informação em W que não pode ser predita pela existência de uma regra-M e uma regra-S associada (se houver uma), que juntas permitam ser W parcialmente descrita em termos de informação já no léxico; mais
- (d) o custo de referir a regras de redundância.

1.1.6 - Evidências favoráveis à versão permissiva

Apreciemos a seguir, na aplicação de regras de redundância, quais os fatos apresentados por Jackendoff como evidências favoráveis à versão permissiva. Trata-se de uma série de casos, nos quais, para o Autor, somente regras morfológicas representam um papel, porque não há regularidades semânticas.

1.1.6.1 - Professor e commission

Já se mencionou a situação em que entre dois

itens, existe apenas um relacionamento puramente morfológico. Esse é o caso de professor e commission que se ligam, morfológicamente, aos verbos profess e commit. Mas cuja conexão semântica, Jackendoff crê estar longe de ser óbvia. Duvida mesmo que muitos falantes do inglês, excetuando-se os filólogos, jamais se dêem conta da associação. Vejamos em que consiste o conteúdo de informação desses itens, dentro da abordagem permissiva. Ela permite à fonologia da raiz ser considerada como informação redundante. A única parte não redundante de professor será alguma informação semântica ENSINAR. Nesse caso uma regra semântica (que expressa o sentido agêntivo), relaciona uma palavra, incorretamente, a uma raiz lexical.

#### 1.1.6.2 - Verbos compostos de prefixo e raiz

São verbos ingleses passíveis de uma análise morfológica na qual se destaca um prefixo (in-, de-, sub-, ad-, con-, per-, trans-, etc) seguido de uma raiz (-sit, -mit, -fer, -cede, -cur etc). Parece ser um fato idiossincrático a união de um determinado prefixo com uma determinada raiz, para formar uma palavra real do inglês:

(17)

*transist	transmit	transfer	*trancede	*transcur
persist	permit	prefer	precede	*precur
consist	commit	confer	concede	concur
assist	admit	*affer	accede	*accur
subsist	submit	suffer	succeed	*succur
desist	*demit	defer	*decede	*decur
insist	*immit	infer	*incede	incur

Levando em conta a construção dessas palavras, Jackendoff apresenta duas possibilidades de se computar o seu conteúdo de informação. Na primeira, o léxico conteria, além de entradas lexicais completamente especificadas para cada verbo composto de prefixo e raiz que ocorresse realmente, uma lista dos prefixos e raízes dos quais os verbos são formados. Considerando não haver nesse caso regra semântica, as regras de redundância conteriam a seguinte regra morfológica, relacionando três termos:

$$(18) \left[ \begin{array}{l} /x = y/ \\ + V \end{array} \right] \leftrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \left[ \begin{array}{l} /x/ \\ + \text{Prefixo} \end{array} \right] \\ \left[ \begin{array}{l} /y/ \\ + \text{Radical} \end{array} \right] \end{array} \right\}$$

O conteúdo de informação de um verbo composto de prefixo e raiz seria a informação de que há uma palavra, mais o conteúdo semântico do verbo (desde que não há nenhuma regra semântica para ir com (18), na maioria dos casos), mais o custo de referência à regra morfológica (18). O custo de cada prefixo e raiz individuais será contado apenas uma vez para o léxico inteiro.

Como já sabemos que a teoria do verbete pleno rejeita os itens lexicais hipotéticos, devíamos estranhar a introdução de prefixos e raízes no léxico. Para Jackendoff porém,

esse é um caso diferente dos outros. A fim de entendermos isso, consideremos agora a entrada lexical para o prefixo trans-:

(19) 
$$\left[ \begin{array}{l} /trans/ \\ + \text{Prefixo} \end{array} \right]$$

A informação semântica de trans- é nula ou quase. Também a categoria sintática Prefixo não é gerada pelas regras de base. Daí a inserção de trans- em uma EP só ocorrer, quando ele vier combinado com uma raiz para formar um verbo, desde que a categoria Verbo apareça nas regras de base. Fica, pois, anulado o uso do traço de regra [-Inserção Lexical] e não fica comprometida a posição anterior sobre \*perdite.

Outra possibilidade aventada é introduzir-se os prefixos e raízes nas próprias regras de redundância, como o tipo mais simples de regra de formação de palavras.

20) 
$$\left[ \begin{array}{l} \left[ \begin{array}{l} \text{trans} \\ \text{per} \\ \text{con} \\ \text{ad} \\ \text{suB} \\ \text{de} \\ \cdot \\ \cdot \end{array} \right] \\ + V \end{array} \right] = \left[ \begin{array}{l} \left[ \begin{array}{l} \text{sist} \\ \text{mit} \\ \text{fer} \\ \text{cede} \\ \text{tain} \\ \cdot \\ \cdot \end{array} \right] \end{array} \right]$$

Como esse é um caso de redundância exclusivamente morfológica, não há nenhuma regra semântica que possa ser acoplada a (18) ou (20).

O conteúdo de informação desses compostos é o mesmo em ambas as possibilidades. Apenas no segundo caso, ele é computado como parte da regra de redundância e não da lista de itens lexicais. Entretanto, não há evidência empírica que nos leve a optar por uma delas, já que ao nível da investigação elas se equivalem. Assim sendo, a teoria do verbete pleno lista somente palavras no léxico. Afixos produtivos são introduzidos como parte das regras de redundância lexical. Os morfemas improdutivos e seqüências não lexicais (\*perdite) não aparecem sozinhos, em qualquer lugar no componente lexical.

#### 1.1.6.3 - Compostos nominais

Os nomes compostos de (21) são formados pela concatenação de dois nomes:

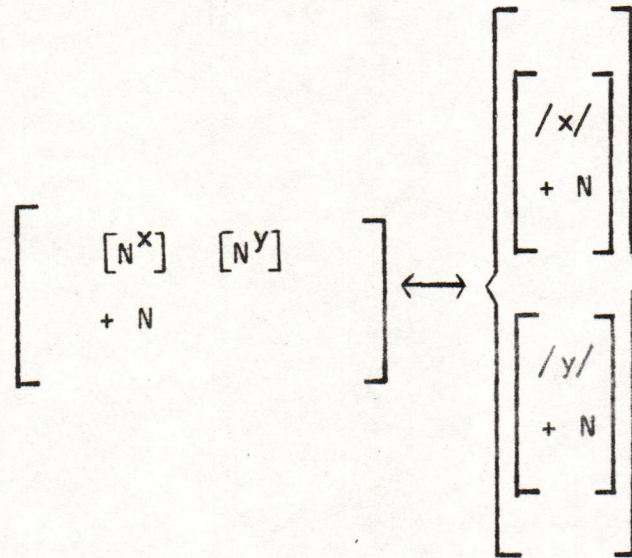
- (21) a. garbage man, iceman, milkman, bread basket,  
oil drum.
- b. snowman, gingerbread man, bread crumb, sand  
castle.
- c. bulldog, kettledrum, sandstone, tissue paper.

Embora no conteúdo semântico de cada composto se inclua o significado dos dois nomes constituintes, a formação semântica difere de linha para linha. O falante do inglês tem conhecimento da maneira pela qual deve associar as partes para obter o sentido do todo.

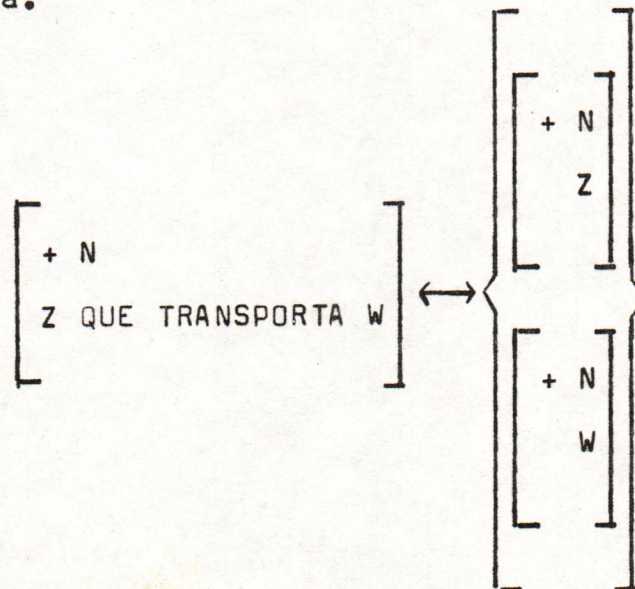
Na teoria lexicalista, Jackendoff dá a cada composto

ocorrente na língua, uma entrada lexical completamente especificada. Na lista de regras de redundância, entra com a regra morfológica (22) e as regras semânticas (23 a, b, c), descrevendo os dados de 21 a, b, c), respectivamente:

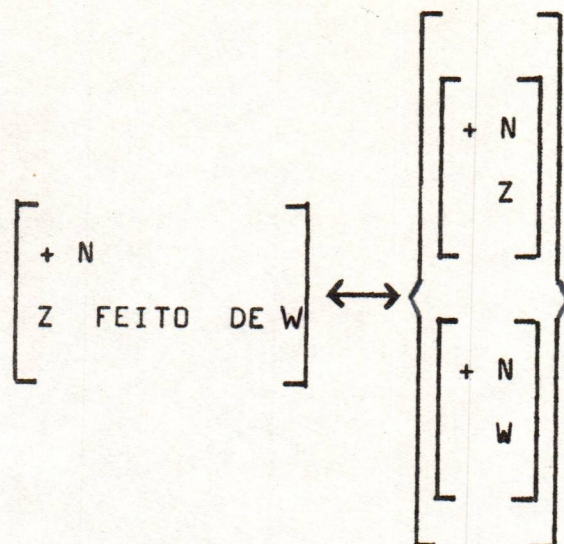
(22)



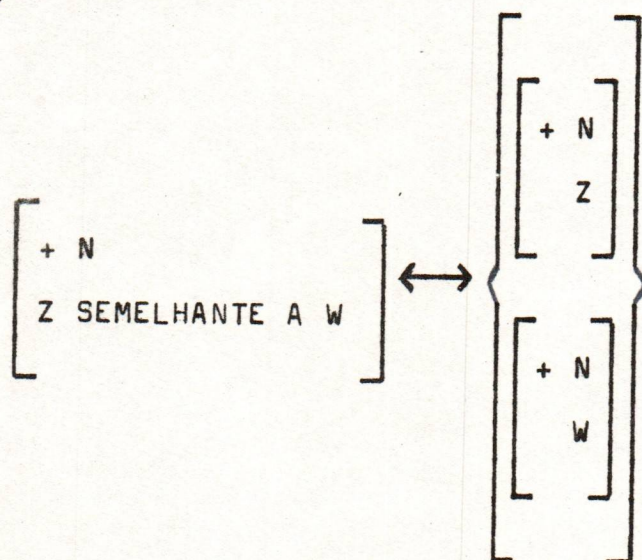
(23) a.



b.



c.



Obviamente há outras regras semânticas. Essas três servem apenas de ilustração. As regras de redundância definem o conjunto de possíveis compostos do inglês e o léxico lista os compostos que realmente ocorrem.

De acordo com (16), o custo de garbage man será a informação de que tal palavra existe, mais alguns fatos idiossincráticos sobre o significado (por exemplo, que ele é um apanhador e não um entregador de lixo), mais o custo de referência a (22) e (23a).

## 1.1.6.4 - Expressões idiomáticas

Expressões idiomáticas ou idiomas são construções sintáticas fixadas, constituídas de palavras constantes do léxico, mas cujo significado global difere do amálgama dos significados de seus constituintes. Como a sua semântica é imprevisível, a gramática deve representar o conhecimento do falante sobre o significado e o caráter dessas construções. Jackendoff propõe listá-las no léxico. Porém, a percepção de que tais expressões são construídas a partir do conhecimento das unidades lexicais deve refletir-se na medida de informação, bem como o conhecimento de que as construções sintáticas obedecem às regras e restrições sintáticas que regulam o funcionamento normal de seus constituintes.

Com relação à estrutura interna, essas expressões terão o mesmo tratamento que os itens simples. Serão listadas de modo completo, isto é, com sua estrutura interna. A única diferença nas entradas lexicais será o fato de que tais expressões têm uma estrutura que vai além do nível da palavra. Em tais entradas, as condições de subcategorização estrita são combinadas com as representações sintáticas e fonológicas. Sejam, por exemplo, em (24), as entradas para kick the bucket (literal: chutar a viga; idiomático: morrer), give hell to (literal: dar o inferno a; idiomático: ralhar com) e take to task (literal: chamar à tarefa; idiomático: criticar).

(24) a.

$$\left[ \begin{array}{l} \text{NP}_1 \left[ \text{VP} \left[ \text{v} \text{ kik} \right] \left[ \text{NP} \left[ \text{Art}^{\delta\theta} \right] \left[ \text{N} \text{ bukət} \right] \right] \right] \\ \text{NP}_1 \text{ MORRE} \end{array} \right]$$

b.

$$\left[ \begin{array}{l} \text{NP}_1 \text{ [VP [V } giv \text{] [NP [N}^{hel} \text{] ] [PP [P}^{to} \text{] NP}_2 \text{ ]} \\ \text{NP}_1 \text{ RALHA COM NP}_2 \end{array} \right]$$

c.

$$\left[ \begin{array}{l} \text{NP}_1 \text{ [VP [V } t\ddot{a}ek \text{] NP}_2 \text{ [PP [P}^{to} \text{] [NP [N } t\ddot{a}esk \text{] ] ] ]} \\ \text{NP}_1 \text{ CRITICA NP}_2 \end{array} \right]$$

A regra de inserção lexical vai inserir entradas lexicais em marcadores frasais profundos com as estruturas sintáticas adequadas. Nisso diferem das palavras comuns que são inseridas em um único nóculo.

Com relação à estrutura sintática de take NP to task o objeto direto subcategorizado estritamente é envolvido pelas partes da expressão idiomática, ou seja, a expressão é descontínua. Terão, pois, entradas descontínuas as construções idiomáticas com verbo mais partícula prepositiva. O processo de inserção lexical de expressões é paralelo à inserção lexical normal. Logo, a acomodação de expressões idiomáticas não deve complicar a gramática. Isso porque tais expressões têm a estrutura sintática de sentenças comuns.

Visto o modo pelo qual são listadas as expressões idiomáticas no léxico, resta captar o conhecimento do falante de que essas expressões se constituem de palavras já existentes nele. Um meio de fazê-lo será tratar as regras de estrutura frasal como regras de redundância morfológica. Assim, a informação independente em kick the bucket será a in-

formação de que se trata de uma entrada lexical, mais a informação semântica DIE (= morrer), mais o custo de referir às regras de estrutura frasal para SV (=VP) e SN (=NP).

Cumprir notar que as regras de base só podem ser usadas como regras de redundância, no caso de as estruturas lexicais irem além do nível da palavra. Logo, fora da descrição das expressões idiomáticas, nenhum poder descritivo é adicionado à gramática. Quanto às regras de projeção semântica só poderiam ser usadas, se essas expressões tivessem um significado literal, ou melhor, deixassem de ser idiomáticas. De acordo, pois, com a versão permissiva da medida de avaliação, apesar da existência das regras de redundância semântica, só as regras de redundância morfológica estão sendo aplicadas na redução de informação independente nas expressões idiomáticas.

A teoria transformacional de nominalização não contém nenhuma abordagem que explica expressões idiomáticas.

#### 1.1.6.5 - Argumento diacrônico: groseberry > gooseberry

O problema em pauta é o da avaliação dos seguintes nomes:

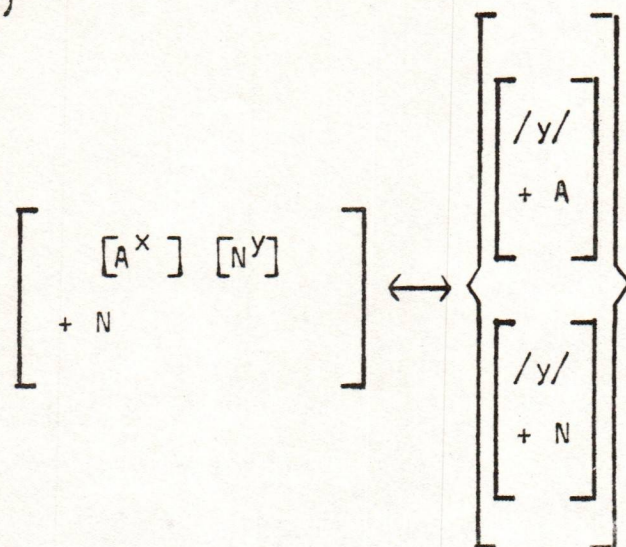
- (25) a. blueberry, blackberry
- b. cranberry, huckleberry
- c. gooseberry, strawberry

Blueberry e blackberry se formam pelas regras morfológica

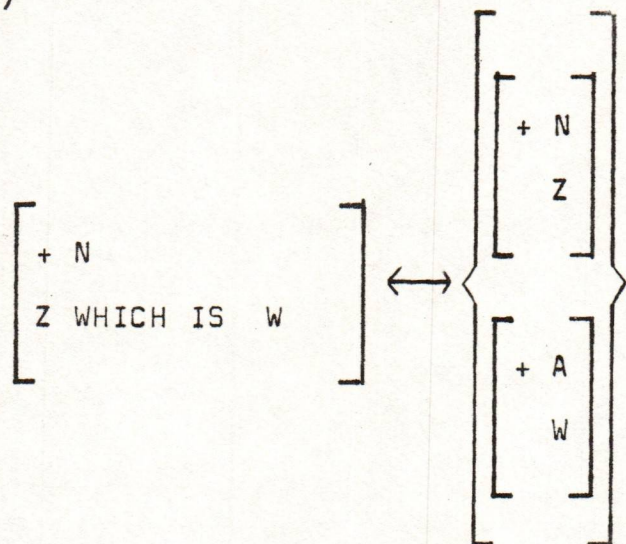
(26) e semântica (27):

... não podem ser red...  
 ... lexical, ambos serão ...

(26)



(27)



A avaliação de blueberry e blackberry segue a de garbage-man. Já cranberry e huckleberry contêm um morfema lexical e um não lexical. Só o segundo nome, berry, com sua semântica, seria redundante. Entretanto, os segmentos fonológicos /cræŋ/ e /hukl/, e suas características semânticas distinguindo cranberries e huckleberries de outras espécies berries não podem ser redundantes. Por envolverem uma raiz não lexical, ambos serão avaliados como perdition.

Já em gooseberry e strawberry verificam-se dois mor-

femas lexicais e ambos são frutos (berries), mais gooseberry nada tem a ver com goose (= ganso) e nem tão pouco strawberry com straw (= palha). Esse caso é como o de professor, que, semanticamente, nada tem a ver com o verbo profess. Quanto à valorização da informação independente, há dúvida se eles seriam intermediários em custo entre os dois casos anteriores, ou seriam avaliados como cranberry, com straw e goose contados como não redundantes. Jackendoff crê que o fato de haver pressão em relação à similaridade fonológica, mesmo sem bases semânticas (por exemplo, gooseberry foi uma vez groseberry) é evidência que favorece a forma permissiva de (16), onde, para redundância, basta a semelhança morfológica.

## 2. CONTESTAÇÃO DOS ARGUMENTOS QUE SEPARAM REDUNDÂNCIA MORFOLÓGICA E REDUNDÂNCIA SEMÂNTICA

Neste capítulo, faremos uma apreciação dos argumentos apresentados por Jackendoff (1975), como suporte à sua opção pela versão permissiva da medida de avaliação do léxico. Reconsideraremos os fatos por ele trazidos como argumentos favoráveis à versão permissiva, e veremos que essa reconsideração dos fatos nos leva a optar por uma interpretação diversa da relação entre redundância morfológica e redundância semântica. Essa interpretação é, justamente a da versão restritiva da medida de avaliação, rejeitada por Jackendoff.

Dentro da versão permissiva, a redundância morfológica não só é indispensável ao estabelecimento da redundância semântica como também é capaz de sozinha relacionar itens lexicais. A medida de informação, como vimos em (16b), dá conta desse relacionamento a partir da regularidade morfológica existente em qualquer lugar do léxico. Entretanto, cremos que a computação dessa regularidade efetuada, em alguns casos, apenas por regras morfológicas, apresenta o sério inconveniente de não permitir a distinção clara entre redundância morfológica e identidade fonética.

### 2.1 - Raízes com problemas

#### 2.1.1 - Raízes lexicais com relação semântica errada: professor e commission

Jackendoff levanta a delicada questão de se considerar ou não redundante um relacionamento puramente morfológico. A respeito de palavras como profess/professor e

commit/commission afirma que a conexão semântica nome/verbo, existente entre essas palavras, é privilégio apenas dos filólogos, pois o falante comum não a percebe mais. Crê haver, pois, nesse caso um relacionamento exclusivamente morfológico. Dentro da visão permissiva, a fonologia da raiz poderá ser por si só contada como informação redundante. A relação semântica do par - considerada inexistente por não estar mais presente na consciência dos falantes - será medida como informação independente. Em professor a informação semântica TEACH (ensinar) não será, pois, redundante. Ele defende a manutenção da redundância morfológica pura, como suficiente no relacionamento de itens lexicais. Dessa colocação decorrem conseqüências um tanto difíceis de serem aceitas pacificamente, conforme passaremos a discutir.

O que temos a objetar é que se a consciência do elo semântico é perdida por completo, a correspondência morfológica deixa de ser sentida como tal pelos falantes, passando a contar como mera coincidência fonética. Sejam, por exemplo, estes versos de Camões de seu soneto - Alma minha gentil, que te partiste:

Alma minha gentil, que te partiste  
 Tão cedo desta vida, descontente,  
 Repousa lá no Céu eternamente  
 E viva eu cá na terra sempre triste.  
 (CAMÕES, Luis de. Obras Completas. p. 261)

Aí, é óbvio que o sufixo -ste em partiste nada tem a ver com a terminação -ste de triste; o mesmo acontecendo com o sufixo -nte de descontente e o -nte do sufixo -mente de eternamente.

Dentro da perspectiva permissiva, como se pode separar a redundância morfológica das rimas e aliterações? Diante des-

se problema, tentaremos enfocar a situação de outro ângulo.

A interpretação de professor e commission, dentro da visão restritiva, condicionaria a redundância morfológica à existência de uma conexão semântica. Observamos que, na fase do latim, quando essas palavras foram criadas, a redundância morfológica era acoplada à redundância semântica. Nesse estágio da língua, portanto, a coincidência fonológica era bem diversa de uma mera coincidência de formas fonéticas. Tratava-se de uma verdadeira recorrência de unidades mórficas.

Quanto ao estágio atual da língua, parece-nos que nesses casos não houve quebra total da ligação semântica, conforme testemunham os dicionários. Pode acontecer é que, com a evolução do significado, o relacionamento entre os elementos de pares e trios deixe de ocorrer de um modo total. Permanece, entretanto, a ligação semântica entre partes das acepções dos vocábulos relacionados. Incluímos aqui professor e commission, que em algumas acepções possuem redundância completa, como veremos. Entretanto, se possuísem somente coincidência de formas, como julga Jackendoff, consideraríamos impossível contá-la como uma redundância, porque confundir-se-ia com a aliteração. Daí refutarmos a interpretação permissiva e considerarmos válida a restritiva.

Veremos agora que a consulta aos dicionários nos fornece a descrição da ligação semântica existente na fase de criação das palavras. E nos atesta ainda a persistência de um indiscutível relacionamento entre partes das acepções dos vocábulos, o que contraria, portanto, os próprios fatos apre-

sentados por Jackendoff. As informações essenciais fornecidas por alguns dicionários são sumariadas a seguir.

O par professor/profess apresenta ainda hoje, pelo menos duas acepções de nítida correlação, conforme registra o Michaelis<sup>2</sup>: professor - s.l- professor: aquele que professa. 2- lente, docente m.; profess - v.l- professar: b) declarar, admitir, confessar, reconhecer. d) ensinar, lecionar.

Antenor Nascentes nos informa que professar vem do latim \*professare, freqüentativo de profiteor, significando declarar diante de alguém - houve especialização de sentido, professor, também do latim professore é o que declara seus conhecimentos diante de outrem. Caldas Aulete<sup>3</sup> documenta professar como confessar, reconhecer publicamente e ensinar na qualidade de mestre, de lente; de professor diz que é homem que professa ou reconhece publicamente alguma verdade ou, ainda, que ensina uma ciência, uma arte, uma língua - mestre.

Quanto ao par commission/commit pode-se observar o mesmo. Há ainda forte ligação semântica com relação a alguns dos vários significados desenvolvidos. O OXFORD<sup>4</sup> informa que commission (adotado do francês commission e adaptado do latim commissiōn-em) é um nome de ação de committ-ĕre, "to COMMIT, entrust" etc. Etimologicamente, é a ação de commiting, ou o fato de estar committed, nos vários sentidos de COMMIT, mas principalmente nos de "entrust" e "give in charge". Sobre o verbo commit, diz que no inglês médio é committe, adaptado do latim committĕre "to put together, join, to put for safety, give in charge, entrust, deliver" de com+mitt+ĕre "to send, put forth" etc. Como já vimos, há nítida correspondência semântica

pelo menos quanto aos sentidos de "entrust" (1. confiar, depositar - 2. incumbir, encarregar - 3. entregar aos cuidados de) e "give in charge" (mandar prender, confinar e encerrar). Também no Novo Michaelis<sup>5</sup> encontramos essa correspondência embora muitos usos específicos tenham sido desenvolvidos antes de as palavras entrarem no inglês. A redundância semântica, existente na fase do latim em que essas palavras foram criadas, ainda sobrevive, pois, na atualidade da língua inglesa. Contudo, para aqueles falantes que não internalizaram essas relações em seu léxico mental, julgamos que os dois pares de palavras estão relacionados entre si do mesmo modo que com profeta ou "profiterole", e comida ou comando, respectivamente.

#### 2.1.2 - Raízes não lexicais: aggression e fission

O segundo grupo de casos trazidos à baila por Jackendoff como evidências para o desvinculamento entre redundância morfológica e redundância semântica são os derivados perdition, aggression, retribution, fission, aviation, que se ligariam a raízes que não constituem itens lexicais: \*perdite, \*aggress, \*retribute, \*fiss, \*aviate. Esses itens hipotéticos seriam marcados com o traço [-Inserção Lexical], para dar conta do fato de não existirem no léxico.

Dentro da teoria do verbete pleno, porém, o uso do mecanismo do item lexical hipotético pode ser evitado, já que em nenhuma parte do léxico essa raiz aparece como entrada lexical independente. Na avaliação desses itens, será contada a informação de que há uma palavra, mais o custo da raiz, mais o custo de referência à regra de redundância (3) - menor que

a informação contida na própria terminação (-ion). A raiz \*perdite entrará nessa avaliação como a diferença entre o custo total de perdition e o do sufixo. A teoria do verbete pleno, como já foi dito, fornece uma descrição de pares e trios com raízes não lexicais, partindo não da irregularidade da raiz, mas da terminação regular, predita pelas regras de redundância. Nesta teoria o léxico abarca toda a informação sobre todas as palavras existentes, sendo o relacionamento levado em conta na medida de informação. (Ver 6b).

Dentro da visão permissiva da medida de avaliação, o fato de se aceitar apenas a redundância morfológica contida na terminação -ion ou qualquer outro sufixo, leva novamente ao sério inconveniente da impossibilidade de se distinguir redundância morfológica de coincidência fonética. Sendo assim, tentemos outra interpretação do ponto de vista da avaliação do conteúdo de informação independente.

É importante lembrar que numa etapa anterior de língua as atuais raízes não lexicais eram lexicais, conforme demonstraremos. Nessa fase a redundância morfológica estava acoplada à redundância semântica, sendo, portanto, nessa fase, adequada a versão restritiva. Uma vez deslexicalizada a raiz, não há razão para continuar a contar como redundante a parte morfológica. Portanto, tanto a informação morfológica quanto a informação semântica devem ser contadas como independentes.

Nos parágrafos que se seguem, estudaremos a etimologia dessas palavras, com o objetivo de verificar de que modo as recorrências mórficas e as semânticas se acoplavam no estágio da língua em que foram criadas as palavras. Essa incursão fi-

lológica nos faz mesmo observar que, para alguns desses itens, o processo de deslexicalização da raiz não chegou até hoje a termo, ao contrário da suposição de Jackendoff.

Seja por exemplo o nome perdition, cuja raiz presumível seria um verbo \*perdite. O OXFORD<sup>6</sup> dá esse vocábulo como já existente no inglês médio, adotado do francês antigo perdicium, perdicion, no francês atual perdition, adaptação do latim perdition-em, nome de ação de perdere "to make away with, destroy, lose", do prefixo PER (com significado 3) + da-re, "to give, put". Quanto ao obsoleto pe'rdit, pe'rdite, registra como raro, constituindo-se numa adaptação do latim perdit-us, passiva ou particípio passado de perdere "to lose" (ver PERDITION), "lost to virtue, abandoned, wicked". Exemplos como - "The most perditte sort of men" - datam do século XVII. Conseqüentemente, datam dessa época as ilustrações do advérbio pe'rditly, "in a wicked manner, abandonedly, desperately". Conferir o advérbio latino pērdītē, "em extremo, muitíssimo", na frase de Terencius: "Perdite amare" (Amar com excesso).<sup>7</sup>

Vejamos agora o nome retribution, cuja raiz \*retribute, Jackendoff afirma não aparecer em nenhum lugar do léxico. Re-tribution é adoção do francês antigo retribucion, -ution (francês moderno rétribution, espanhol retribucion, italiano re-ritribuzione), ou adaptação do latim retribūtiōn-em, nome de retribuere (ver RETRIBUTE verbo), significando "repayment, recompense, return, for some service, merit" etc. Quanto ao verbo retribute, dado como raro, porém não inexistente na fase atual da língua, veio do latim retribūt-, raiz do particípio passado de retribuere, de re (prefixo RE-) + tribuere "to gi-

ve", passado de retribuere, de re (prefixo RE-) + tribuere "to give, assign". Como verbo transitivo, significa "to give in return; to make return of, to retaliate (something) on one"; o material ilustrativo data do século XVII.<sup>8</sup>

Passemos ao par aggression/\*aggress. O nome aggression é adoção do francês aggression, adaptação do latim aggressiōnem, nome de ação de aggred-i (ver o verbo AGRESS); significa "an unprovoked attack; the first attack in a quarrel; an assault, an inroad"... ou "the practice of setting upon any one, the making of an attack or assault"... O verbo aggress foi adotado do francês agresse-r, adaptado do latim aggressāre, frequentativo de aggred-i, "to approach, attack", de ad- "para", at+grad-i, "to march, step". Como v. intransitivo 1 é dado como obsoleto com o significado de "to approach, march forward; como intransitivo 2, o dicionário atesta a acepção ainda viva de "to make an attack, to set upon"; intransitivo 3, "to set upon, attack, assault"...<sup>9</sup>

Vejamos a relação fission/\*fiss. O nome fission foi adaptado do latim fissiōnem, nome de ação de findere "to split", significando: 1- "the action of splitting or dividing into pieces"...; 2- (especificamente em Biologia) "the division of a cell or organism into new cells or organisms, as a mode of reproduction"...<sup>10</sup>. Confirma-se o latim: fīndō, is fīdī, fīs-sūm, fīndere, v. trans., significando "fender, abrir, rachar, separar, dividir", como na frase de Virgilius: "Partes se via findit in ambas" (A estrada divide-se em duas)<sup>11</sup>. A contraparte verbal não é atestada no dicionário.

Quanto a aviation/aviate o Novo Michaelis registra:

aviation s. "aviação, aeronáutica f., sistema m, de navegação aérea"; aviate v. "voar, navegar no ar, pilotar aviões".<sup>12</sup>

O que podemos aprender com a consulta ao dicionário é que o número de casos em que os nomes derivados estão realmente desligados de um item lexical básico ainda vigente em alguma variedade, ainda que erudita, da língua é bem inferior ao que crê Jackendoff. Isso nos encaminha a crer na força da pressão que existe por manter na língua uma motivação semântica para toda redundância morfológica. É bom lembrar que nos casos de deslexicalização da raiz, a informação morfológica e a semântica, serão contadas como independentes.

A propósito, vejamos também no português alguns casos de nomes com raízes não lexicais, mas que inicialmente eram lexicais. Seja por exemplo o nome autor, do latim auctore que relacionava-se ao verbo latino auctoricare, freqüentativo de autorare, "autorizar". No português, sua forma arcaica outor liga-se ao verbo outorgar, do latim auctoricare. Parece que no português moderno, houve, em autor, uma reaproximação da forma latina auctore/auctoricare.<sup>13</sup>

Também o nome posição não possui raiz lexical. Mas numa etapa anterior de língua, sua raiz era lexical. Posição se liga ao latim positione do substantivo pōsitiō, ōnis (de ponere), tendo entre outros, o significado de ação de "pôr", de "colocar" etc. Também o verbo latino pōnō, is, pōssūi, pōsītūm, pōnērē (trans. e intrans.) apresenta também entre outros, os significados de "pôr, colocar, plantar, fixar, estabelecer, construir, expor" etc.<sup>14</sup>. Dentro da versão restritiva, toda a informação a respeito do vocábulo posição será independente,

uma vez que sua raiz latina foi deslexicalizada no português.

O mesmo ocorre com o nome asserção do latim assertione, do substantivo āssērtiō, ōnis (de asserere 1) com o significado de "livramento, liberdade, alforria", do verbo (trans.) latino āssērō ou ādsērō, is, ērūi, ērtūm, ērērē (de ad e sero), significando: 1- "tomar, agarrar, pegar, puxar para si, reclamar, pôr em liberdade".. Entretanto, no estágio atual, asserção, (significando "afirmação, asseveração, proposição; alegação" (v. Caldas Aulete))<sup>15</sup> parece ligar-se mais ao latino asserere: 2- "apropriar, afirmar como próprio"; 3- "defender, sustentar, afirmar"; 5- "afirmar, dizer"...<sup>16</sup>

## 2.2 - Verbos compostos de prefixo e raiz

O terceiro tipo de caso que leva Jackendoff a considerar mais adequada a versão permissiva da avaliação do léxico é o dos verbos compostos por prefixo e raiz<sup>17</sup>, que ele vê como mais um caso de redundância morfológica sem redundância semântica.

Since for the most part, prefixes and stems do not carry semantic information, it is not possible to pair 18 or 20 with a semantic rule. Obviously the information measure must permit the morphological redundancy anyway (JACKENDOFF, Ray. Morphological and semantic regularities in the lexicon, p. 654).<sup>18</sup>

Por não atribuir significado aos prefixos nem às raízes, Jackendoff sugere a separação das regras morfológica e semântica. Outrossim, entre as duas sugestões da medida de avaliação, opta pela versão permissiva, que permite a ocorrência da redundância morfológica sozinha. Diante da dificuldade anteriormente assinalada - a perda da separação entre redundância morfológica e coincidência fonética - parece-nos ne-

cessário tentar uma nova interpretação para esse paradigma lexical.

Nesse conjunto de verbos compostos de prefixo e raiz, a noção de que os étimos desses compostos fornecem um conteúdo semântico consistente e recorrente para seus constituintes parece-nos relevante, pois mostra que redundância semântica e redundância morfológica estiveram acopladas regularmente numa fase pretérita da língua.

Quanto à fase atual, podemos descrever a situação dividindo idealmente os falantes em dois grupos: os que dão conta das regularidades semânticas que subjazem ao paradigma (17), e aqueles que não captam essas regularidades em seu saber linguístico. Na gramática dos primeiros, existe um acoplamento entre redundâncias morfológicas e semânticas. Na dos últimos, os itens lexicais desse conjunto são tanto mórfica quanto semanticamente separados uns dos outros, não havendo consciência de qualquer tipo de regularidade, e portanto não havendo razão para postular qualquer regra de redundância. Vista desse modo, a situação não é inconsistente com a versão restritiva da organização do léxico.

A seguir apresentamos o estudo etimológico dessas palavras, mais uma vez com o objetivo de verificar como se dava o acoplamento das redundâncias na fase da língua em que os itens lexicais de (17) foram criados no latim, seguindo-os até a situação atual no inglês. As pesquisas em língua inglesa foram baseadas no OXFORD<sup>19</sup>. A fase do latim foi pesquisada no dicionário do Saraiva.<sup>20</sup>

Tomemos inicialmente a raiz mit ligada a sete diferen-

tes prefixos, nas seguintes composições: transmit, permit, commit, admit, submit, \*demit, \*immit . Essa raiz provém do verbo transitivo latino mittō, īs, mīsi, missūm, mīttērē, significando: "1- mover, tocar, fazer, andar, impelir, dirigir, atirar, lançar; introduzir, por; 2- mandar, enviar, mandar por carta; escrever a; 3- deixar ir, abrir mão de, deixar, abandonar, largar, licenciar, despedir, mandar embora, absolver, libertar, alforriar; 4- lançar, atirar, arremessar, arrojar, precipitar; -se, atirar-se; (fig.) lançar, meter em; 5- produzir, deitar, brotar (com respeito aos vegetais); soltar (a voz, um som etc); dar (um sinal); 6- tirar (sangue), sangrar"...(cf. Saraiva, p. 743).

#### transmit

Saraiva (p. 1216) nos informa que a partícula trans entra na composição de várias palavras, exprimindo: 1- a passagem dum lugar a outro, como: "transcurro, transilio"; 2- a ação de impelir duma para outra parte: "transadigo, transfigo"; 3- a posição ulterior: "transmarinus, transmontanus"; 4- transmissão: "trado, transfero"; 5- mudança, alteração: "transfiguro". Trāns é também preposição de acusativo: "Trans mare currere". Horacius (Passar o mar); "Trans caput jacere". Virgilius (Lançar para traz da cabeça); "Domino tras ripam inspectante". Cicerus (Estando a ver da outra margem o Senhor).

Na língua inglesa, o OXFORD (p. 250-v. 11) registra o prefixo trans, provindo da preposição latina trans, "across, to or on the farther side of, beyond, over" também usada em combinação com verbos, e seus derivados substantivos e adjetivos, por exemplo, transire "to go across", transitio, tran-

sitor, transitus, transitīvus, transitōrius; transferre "to bear across, transfer", translātus, translātio, translātor, translātīvus, translātīcius ... Nesta mesma fonte (p. 270-v. 11) o verbo transmit é registrado como adoção do latim trans+mittĕre "to send", significando: 1- a. como verbo transitivo: "to cause (a thing), to pass, go or be conveyed to another person, place, or thing; to sand across an intervening space; to convey, transfer"...; b. como verbo intransitivo (for refl.) "to pass to the heirs"; 2- (em sentido figurado) "to convey or communicate (usually something immaterial) to another or others"; "to pass on, esp. by inheritance or heredity; to hand down"; 3- "Physics and Mech. To cause (light, heat, sound etc) to pass through a medium also, of a medium, to allow (light etc) to pass through; to conduct. Also, to convey (force or movement) from one part of a body, or of mechanism, to another"...

#### permit

No OXFORD (p. 666-v. 7) encontramos per como uma preposição latina (também do italiano e francês antigo), significando "through, by, by means of"; no latim médio e francês também em sentido distributivo - "for every..., for each...": usada em inglês em várias frases latinas e francesas, e tornando-se, ultimamente, uma preposição inglesa usada livremente antes de substantivos de muitas classes... . Quanto a per-, prefix<sup>1</sup> (p. 667 - v. 7) trata-se da preposição latina per usada em composição com verbos, adjetivos e seus derivados, dos quais muitos entraram no inglês, vindos do francês, outros foram adotados diretamente do latim, ou formados no inglês a

partir de elementos latinos, ou ainda, como foi freqüente nos séculos XVI e XVII, sobre palavras já usadas no inglês ... .

O verbo permit (OXFORD, p. 741 - v. 7) foi adotado do latim permittere, cujo significado é "to let go, give up, surrender, allow, suffer, permit", proveniente de PER-I, 3 + mittere "to let go, let loose, send": talvez depois do francês permettre, século XIII, e do italiano permettere, no mesmo sentido.

### commit

Saraiva (p. 324) registra cũm, preposição de ablativo, significando: 1- com, em companhia de; ao mesmo tempo que; e, assim como; 2- com ajuda de, com auxílio ou socorro de; 3- "eo ut" ou "quòd" - sob a condição que, com a condição de; - "eo quòd". Além de que, de mais que; 4- com o lucro, com a vantagem, com o interesse de; 5- por meio de, com (indicando instrumento); 6- por, com (indicando consequência ou concomitância duma ação; 7- com (no sentido de ter, levar, conter em si); 8- com, contra ... .

O OXFORD (p. 644 - v. 2) informa sobre a origem latina do prefixo com-. A forma arcaica da preposição, no latim clássico era a palavra separada, escrita cum. A forma com- foi retida antes de combinações com vogais e labiais - b, p, m (comes, comit); o m sofreu assimilação do r (corruptus), do l (collectus) e do n (connātus); o m sofreu também queda antes de vogais (coalescēre), de h (cohabitāre) e de gn- (cognātus); antes de outras consoantes com- transformou-se em CON-. O sentido é "together, together with, in combination or union", também "altogether, completely", e, conseqüentemente,

"intensive". O prefixo (em suas variações formais) ocorre em combinações realmente formadas em latim, seus derivados e extensões analógicas. O prefixo na forma co-, tem-se tornado um elemento vivo no inglês.

A informação que encontramos no OXFORD (p. 683 - v. 2) sobre o verbo commit é que no inglês medieval já havia a forma committe, adaptada do latim committ-ĕre, cujo significado era "to put together, join", também (com- intensivo) "to put for safety, give in charge, entrust, deliver", provindo de com + mitt + ĕre "to send, put forth" etc.

Saraiva (p. 254) informa que cōmittō, is, misī, missūm, mīttĕrĕ é verbo transitivo, significando: 1- juntar, unir, ligar; 2- pôr em combate, combater; 3- comparar; 4- começar, encetar; 5- cometer, errar, delinqüir; infringir; tornar-se culpado; 6- incorrer, merecer, expor-se a; 7- contratar, obrigar-se; 8- confiscar; 9- confiar, entregar, comunicar ... .

#### admit

Saraiva (p. 21) registra ād como preposição de acusativo (provavelmente de origem hebráica, pela forma e significação). Indica, primitivamente, a tendência, direção para um lugar ou objeto, e é oposta a a, ab. Na composição, permanece, cai ou sofre assimilação conforme venham antes de vogais ou de determinadas consoantes. Pode significar a idéia de direção ou de presença ( com verbos que exprimem movimento ou quietação); o fim do movimento (admittere, accurrere, afferre); a justaposição; a presença (astare, adesse, acquiescere); direção para cima (assurgere, attollere); começo duma ação ou estado (addormire = começar a dormir); aumento por adição

(*accedere, assumere*). Pode indicar também: 1- ausência de movimento (para, para a parte de, ao pé de, junto a, em casa de, em); 2- presença de movimento (para, a, em direção a, junto, ao pé de); 3- contra; 4- até; 5- tempo (para, à aproximação de; até; a um ponto, momento fixo; 6- quase, cerca de, perto de; 7- indicando quantidade, número: até; 8- quanto a, tocante a; 9- segundo, conforme, à proporção de; 10- por; 11- a preço de, em comparação de; 12- com; 13- além de, o mais de ... .

No latim (cf. Saraiva, p. 29) o verbo transitivo admittō, īs, īsī, īssum, īttēre (de ad e mitto) possui, entre outros, os seguintes significados: admitir, dar entrada ou acesso, introduzir; dar audiência, receber; largar, atirar (um cavalo na carreira), impelir para, dar um movimento veloz; permitir, dar lugar, ocasião a, admitir, acolher; ser favorável (termo de arte augural); cometer (uma ação má, um crime ... .

Do prefixo<sup>1</sup> ad-, o OXFORD (p. 99 - v. 1) diz que provém da preposição latina ad, significando "to", com sentido de "motion or adherence, increase, or simple intensification", como em "ad-ventus, ad-versus, ad-ditus, ad-albātus, ad-ministrāre, ad-augēre". Quanto à formulação comum, faz as mesmas observações encontradas no verbete do Saraiva (p. 21). Nesta mesma fonte (p. 120 - v. 1) encontramos o verbo admit como uma adoção original do francês antigo amett-re, do latim admitt-ēre "to let to or into"; adaptação de ad "to" + mittere "to send, let go". No século XV, o francês foi reformulado segundo o latim como admettre, e segundo essa tendência o inglês tam-

bém tornou-se admit. "To let come or go in", (1) voluntariamente, como faz uma pessoa, (2) pela capacidade física, como faz uma coisa. No inglês, os significados secundários são anteriores aos primários, para os quais as palavras nativas estavam em uso.

submit

Saraiva (p. 1137) registra sub como preposição de ablativo e de acusativo, significando: 1- sob, debaixo de; embaixo de; em; 2- sob, segundo, em consequência de; 3- perante, diante de, em presença de; 4- pelo tempo de, aproximadamente a, um pouco antes de (com ac.); a, em, durante, no tempo de (com abl.); 5- para, em direção a; perto de; depois de; 6- com; 7- sobre; 8- de (indicando material); 9- "de sub, ved, desub"; 10- partícula componente ... .

O OXFORD (p. 2 - v. 10) registra a preposição latina sub (com o ablativo), significando under. Informa ainda (p. 3 - v. 10) que o prefixo sub provém da preposição latina sub, também significando "under, close to, up to, towards", usada em composição com os vários significados ali relacionados. Discorre ainda sobre os casos em que o b do latim sub- permanece ou sofre assimilação (summon, surrogate, succeed, suffer, suggest, suppose). Esclarece também que sub-, como um prefixo vivo no inglês mantém sua significação completa e é livremente empregado na maioria dos sentidos ali definidos. Outrossim, este prefixo que originalmente se adequava à composição de palavras latinas, tem sido anexado a palavras inglesas nativas ou de qualquer outra origem.

Quanto ao verbo submit (cf. OXFORD, p. 36 - v. 10) é

uma adoção do latim submittĕre, variação de submittere (cf. submit v.), provindo de sub- SUB-2 + mittĕre "to send, put"; (cf. o francês antigo soub-, submettre, variação posterior de sousmettre, moderno francês soumettre e outras línguas).

\*demit

Dē, preposição de ablativo (cf. Saraiva, p. 335), significando: 1- de cima de, da parte superior de; 2- de, fora de, vindo, procedendo de; 3- de, saído de, descendente de; 4- em, a, sobre, no cimo, no alto de, debaixo de; 5- depois de, em seguida a; 6- no momento de, durante; 7- dentre, do meio de; 8- à custa de; com; 9- de, feito, composto de; em vez de, em lugar de, em; 10- por causa, por amor de; por; 11- tocante a, à cerca, a respeito de, quanto a; 12- segundo, conforme, consoante, de acordo com; 13- contra ... .

De- prefixo (cf. OXFORD, p. 55 - v. 3) é o advérbio e preposição latinos, usados em combinação com verbos e seus derivados. Verbos assim formados, como dēcrēsc-ĕre, décreis-tre, (decrease); dēfend-ĕre, défend-re, (defend); dēsīderāre, désire-r, (desire), viveram no francês como palavras populares, entrando na língua inglesa em tempos anteriores ou depois, como palavras aprendidas. Posteriormente, verbos ingleses, com seus adjetivos derivados e substantivos, como também adjetivos participiais e substantivos primitivos, foram adaptados diretamente do latim, ou formados de elementos latinos, sem a intervenção do francês. Abaixo estão os principais usos no latim e inglês.

I - Como um elemento etimológico, nos sentidos:

1. "down, down from, down to": como dēpendĕre "to

- hang down", DEPEND (DEPENDENT, -ENCE etc); dēscendēre "to climb down", DESCEND;...
2. "off, away, aside": como dēclīnāre "to turn aside", dēportare "to carry of", DEPORT...; b. "away from oneself": como dēprecārī "to pray away", DEPRECATE;
  3. "down to the botton, completely"...: como despoliāre "to spoil utterly", DESPOIL...; b. "to exhauston, to the dregs": como dēcoquēre "to boil down or away", DECOCT;...
  4. "to put down or subject to some indignity" (in a bed sense): como dētēstārī "to abominate", DETEST;
  5. como dēcompositus, foi usado pelos gramáticos no sentido de - formado ou derivado de palavra composta -e, posteriormente, em química e botânica, como composto novamente ou duplamente composto: DECOMPOSITE, DECOMPOUND; similarmen- te, o prefixo tem sido usado em outras palavras como DECOMPLEX, DEMIXTURE;
  6. em latim, dē- tem também a função de reverter a ação de um verbo: armāre "to arm", dearmāre "to disarm"... .Em latim clássico, comumente, essa noção é expressa pelo prefixo dis-: conveni- re "to agree", disconvenire "to disagree". A forma dis- do latim tardio tornou-se des- nas línguas românicas, causando a reformulação de muitos compostos latinos: 1- dearmāre, dēcarnare..., em românico, desarmare, descarnare... .Em

suma, as formas des- (francês) e dis- (latim) se identificam com dé-. Em algumas palavras inglesas, ambas as formas coocorrem: disburse, deburse, discard, decard,...

II - Como um prefixo vivo, com força privativa:

1. formando verbos compostos (com seus derivados substantivos, adjetivos etc), tendo o sentido de anular a ação do verbo simples, ou de privar qualquer coisa de seu caráter: deacidify anular ou desfazer o processo de acidificação, tirar o caráter de ácido, privar algo de seu ácido; conseqüentemente, de-acidified, -fying, -fication... . Outras palavras: DECHRISTIANIZE, DECOMPOSE, DEMORALIZE, DEMAGNETIZE...
2. com menos freqüência formam-se verbos (e seus derivados) prefixando-se de- a um nome (cf. (1.) dēfāmāre, (f.) défroquer) com a sentido de:
  - a) "to deprive, divest, free from; or rid of the thing in question": como DEGREASE (= desengravar) etc; b) "to turn out of, dislodge or expel from": como DECART...

Demit, v<sup>1</sup> (cf. OXFORD, p. 182 - v. 3) é adaptação do latim dēmīttēre "to send, put" ou "let down, to cast down, lower, sink", provindo de De-I.r + mittēre "to send" etc. (cf. o francês antigo no mesmo sentido); significando no inglês: "to send, put, or let down; to cause to descend; to lower". Há ainda outros usos considerados obsoletos. Quanto a demit, v<sup>2</sup>, observe-se que é adaptação do francês démēt-re, em francês

antigo desmet-re, desmett-re, provindo de des-, dé-: latim dis- + mettre "to send, put" etc, substituindo o latim dīmittē-re "to send away, dismiss, release, put away, let go, lay down (office), renounce, forsake" etc; cf. DISMISS e DIMIT, usados principalmente pelos escritores escoceses...

Saraiva (p. 376) registra o verbo transitivo dīmittō, īs, mīsī, missūm, mīttēre, significando: 1- enviar, mandar para diversas partes; 2- dar licença de sair, licenciar, despedir, mandar embora, deixar, largar, 3- apartar, afastar, despedir, recambiar, remeter; livrar, desencarregar; 4- perdoar (uma falta); perdoar, renunciar, largar, abandonar; abater, diminuir; afrouxar, moderar; isentar...

### immit<sup>21</sup>

No latim a preposição in regia ou ablativo ou acusativo. Encontramos em Saraiva (p. 586) a preposição de ablativo in<sup>1</sup>, significando: 1- em, a; sobre; (fig.) em, a; a respeito, à cerca de, com respeito a; 2- com, em, 3- sob, debaixo de; 4- entre, no meio de; 5- em, durante; 6- depois de; 7- a respeito de, para com; 8- por, por causa, por amor de; 9- de, como;. Há também in<sup>2</sup>, com preposição de acusativo, significando: 1- a, para, em; a, sobre; perto de; a; diante, em face de; em frente a, perante; por, através, (fig.) em, a; 2- para com, a respeito de; 3- contra; 4- em, conforme, consoante, segundo, do mesmo modo, da mesma forma que; 5- para, para a parte, para o lado de; 6- para, para o fim de; com respeito, tocante a; para servir de, com aplicação a; 7- até a; 8- para designando o tempo futuro; durante; 9- (indicando distribuição), em...

Essa preposição latina in, permaneceu no inglês, nas formas in (com o caso ablativo) e into (com acusativo), entrando na composição de inúmeras frases, principalmente de origem legal, lógica, filosófica ou eclesiástica, correntes no inglês atual ou antigo (cf. OXFORD. p. 129 - v. 5).

Com relação a in-, prefixo<sup>1</sup>, o OXFORD (p. 130 - v. 5) informa ser a preposição e advérbio latinos in, em combinação com verbos, derivados verbais, e outras palavras. No antigo inglês, numerosos novos verbos em in- foram produzidos a partir de verbos latinos em in-, como, por exemplo, inbláwan do latim inflāre, inspīrāre "to blow in", inbringan também do latim inferre "to bring in"... No inglês medieval também ocorreram criações como essas. Entretanto, poucos ou nenhum desses verbos sobreviveram no inglês moderno. Há ainda várias outras formações, no antigo, médio ou moderno inglês, nas quais o prefixo ocorre, comumente com o sentido de "in, within, internal", como nas formas modernas inborn, inside, inward etc...

Quanto ao verbo transitivo immit (cf. OXFORD p. 66 - v. 5) agora raro ou obsoleto, constitue adaptação do latim immittere "to send in, introduce" etc. provindo de im- (IN<sup>1</sup>) + mittĕre "to send". Apresenta ainda em inglês os seguintes significados: "to put in, insert, inject, infuse; to let in, admit, introduce" (coisas materiais ou imateriais). É o oposto de emit... Observe-se a correspondência entre os significados do verbo inglês immit e seu correspondente latino (cf. Saraiva, p. 557). Immīttō, īs, īsī, īssūm, īttĕrĕ, v. transitivo de im = in e mitto, significando: 1- enviar, mandar para, contra; impelir, lançar, arrojear, atirar contra, sobre; (fig.) enviar;

lançar, atirar, despedir; 2- meter, introduzir em; 3- largar, soltar, desprender; deixar crescer...

Acabamos de apresentar a etimologia da raiz mit em união com sete diferentes prefixos (trans-, per-, com-, ad-, sub-, de-, in-) constantes da ilustração apresentada por Jackendoff (1975) em (17). Vamos tentar uma abordagem etimológica de mais quatro raízes (sist, fer, cede, cur) unidas ao prefixo latino com- con, já visto anteriormente (p. 52-53), para a formação dos itens lexicais: consist, confer, concede, concur.

#### consist

A raiz que entra nesta composição provém do verbo latino -sīstō, īs, stītī, stātūm, sīstērē (cf. Saraiva, 1106), significando nas regências transitiva e intransitiva: 1- embargar os passos a, sustener, parar; (fig.) sustener, manter, ter mão em, salvar; 2- pousar, repousar, fixar, estabelecer, colocar, por, levantar, erguer, construir; cravar, fincar, espetar; (fig.) pôr, tornar (desde ou daquele modo); 3- apresentar perante (alguém), fazer vir ou trazer perante; fazer comparecer (em juízo), comparecer; 4- reter, conter, reprimir, impedir, estourar; 5- parar, deter-se, sustener-se, sentar-se, subsistir, existir, ser...

O OXFORD (p. 105 - v. 9) registra esta raiz sist como verbo adaptado do verbo latino sistere "to cause, to stand" etc., uma forma reduplicada correspondendo a stāre "to stand".

A união do prefixo com e a raiz sist, forma no inglês (cf. OXFORD p. 861) o verbo consist, adaptado do latim consist-ere, significando "to place oneself, stand still, stop;

remain firm, exist" etc. provindo de con- "altogether" + sist-  
ĕre "to cause, to stand, place, stand, stand firm, stand still,  
stop" etc. Como observamos muitos usos originais latinos ainda  
permanecem no inglês atual.

confer

A raiz fer provém do verbo latino fĕrō, fĕrs, tŭlī,  
lātŭm, fĕrrĕ (cf. Saraiva, p. 480), significando nas regên-  
cias transitiva e intransitiva: 1- levar ou trazer, ter;  
(fig.) trazer, andar, ou estar com; ter; mostrar; manifestar,  
patentear, ostentar, fazer alardo; fazer galade; 2- levar  
para diante, transportar, mover, dirigir, levar, arrastar,  
impelir; prolongar; 3- trazer, oferecer, apresentar, dar,  
propor; (fig.) trazer, produzir, causar; 4- tirar, tomar,  
pilar, saquear, devastar, destruir, acabar com, levar, matar;  
5- obter, alcançar, conseguir, recolher, tirar, receber;  
6- suportar, sofrer, tolerar, curtir, sustentar, manter, es-  
tar encarregado de; 7- permitir, admitir, comportar, supor-  
tar; levar a, excitar, estimular, convidar, pedir, exigir,  
requerer, querer; 8- criar, dar, produzir, render, 9- anun-  
ciar, dizer, referir, contar, relatar; pretender; 10- dar  
(um parecer, a sua opinião), lavrar (um decreto); 11- es-  
palhar, disseminar, propalar, transmitir; 12- levantar, ele-  
var, exaltar, alçar, elogiar, gabar; 13- guiar, levar, condu-  
zir...

O OXFORD (p. 159 - v. 4) registra o verbo fer como a-  
parentemente sem significado, citando um exemplo datado de  
1599 e outro de 1611. Quanto ao verbo confer (cf. p. 799 -  
v. 2) é uma adaptação do latim confer-re "to bring together,

collect, gather, contribute, connect, join, consult, bring together for joint examination, compare"; também "to confer, or bestow"; de con- "together", e intensivo + fer-re "to bear, bring".

concede

O verbo latino cēdō, īs, cēssī, cēssūm, cēdēre, v. trans. e intrans. (cf. Saraiva, p. 197) fornece a raiz cede e mais os significados: 1- ir, ver; caminhar, andar; 2- acontecer, suceder; ter boa ou má saída, bom ou mal resultado; ir em argumento, prosperar, ir bem, produzir seu efeito; operar, obrar; 3- Ir-se embora, ou sentar-se, retirar-se; fazer cessão dos bens, renunciar à posse; morrer; 4- passar, decorrer (o tempo); correr, fazer-se exigível, sobrável (por estar vencido); 5- desaparecer, desvanecer-se, dissipar-se (uma coisa, um sentimento); 6- ceder o lugar a; recuar; ser vencido; ceder, acalmar-se, diminuir (uma enfermidade), ser inferior, somenos, ficar atrás, aquém de; 7- ceder, dar-se, por vencido, dar às mãos à palmatória, entregar-se a; 8- aproveitar, ser útil a, caber, cair, tocar (por sorte); 9- contar por, ser equivalente, equivaler a; 10- mudar-se, transformar-se, tornar-se; 11- ceder, abrir mão de, largar, abandonar, dar, entregar, conceder...

Notemos que várias dessas acepções continuam no verbo composto concedere. Saraiva (p. 265) registra cōncēdō, īs, cēssī, cēssūm, cēdēre, v. intrans. e trans., significando: 1- ir-se embora, retirar-se; ausentar-se; (fig.) cessar, deixar de ser; 2- sair (da vida); falecer, morrer; 3- dar lugar a, ceder; ser de opinião, de voto, parecer que; ser so-

menos, ficar atrás, aquém, ser inferior; 4- ir dum lugar para outro; 5- passar dum a outro estado; apegar-se a um parecer, pôr-se ao lado dele, abraçar um partido; 6- conceder, fazer uma concessão (em lógica); permitir, consentir, ceder, conceder, poupar, perdoar.

Esse verbo latino vai entrar no inglês como cede (cf. OXFORD, p. 208 - v. 2), constituindo-se numa adoção do francês cède-r ou adaptação do latim cēdēre, significando "to give way, yield, retreat". É igualmente dicionarizada a forma composta concede, v (cf. OXFORD, 754 - v. 2), como adoção do francês concéde-r ou adoção do latim concēd-ēre, significando "to withdraw, give way, yield, grant" etc, de con- "altogether" + cēdēre "to go away, give way, yield".

Observe-se também em concede a permanência de alguns dos significados originais, tanto na forma simples, quanto na composta.

### concur

A raiz cur tem sua origem no verbo latino cūrrō, ĩs, cūcūrrī, cūrsūm, cūrrērē (v. transitivo e intransitivo), significando correr, como na frase de Cícero - "Currere subsidio", isto é, - Correr em socorro. (Ver Saraiva, p. 328). Essa mesma fonte (cf. p. 272) registra a forma verbal composta - cōncūrrō, ĩs, rī, rsūm, ĩrē, v. intrans. - com os significados de: 1- correr juntamente, ou com, correr, concorrer; afluir (termo de medicina); apresentar-se juntamente, ou ao mesmo tempo; 2- refugiar-se, recorrer a; 3- dar um no outro; ir de encontro um ao outro, encontrar-se; 4- combater, brigar, pelejar, lutar; 5- concorrer; entrar em concorrência, pre-

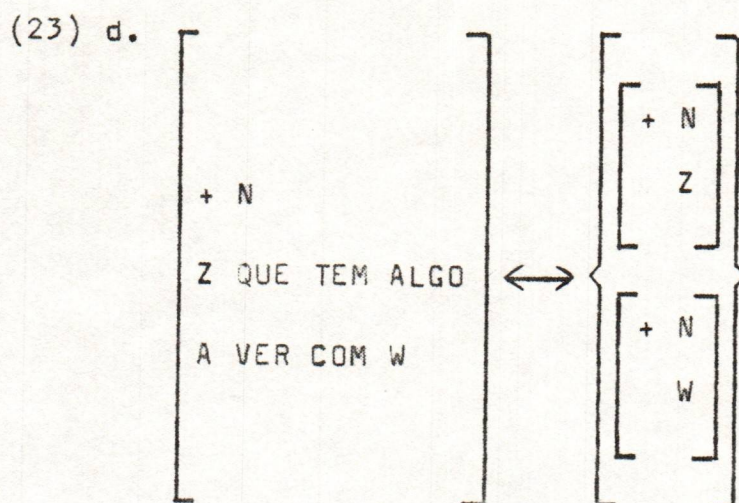
tender a mesma coisa; 6- coincidir, encontrar-se, ter conexão, conformidade, relação; suceder, acontecer, dar-se; 7- ser conforme, consoante a.

Para o inglês passaram algumas dessas acepções na forma do verbo concur, adaptado do latim concurr-ere, significando "to run together, assemble, meet, rush together in hostility" etc, de con- "together" + currere "to run". O sentido de violência foi aparentemente o uso introdutório de concur no inglês.

### 2.3 - Compostos nominais

Outro argumento que Jackendoff levanta em favor da versão permissiva da medida de informação do léxico é o dos compostos nominais, que se formam pela concatenação de dois nomes, como por exemplo: garbage man, snowman, bulldog etc (cf. (21) na subseção 1.1.6.3.). Esses compostos se caracterizam pelo fato de sua estrutura morfológica não permitir uma previsão do sentido do todo. Assim, faz parte do conhecimento do inglês saber o modo pelo qual o significado do composto se relaciona aos significados de seus constituintes. Essas formações só são idênticas quanto a composição morfológica e não quanto a composição semântica. Daí Jackendoff propor na lista de regras de redundância a regra morfológica (22) e várias regras semânticas (23 a, b, c), para descrever as diversidades de (21). (Ver a subseção 1.1.6.3 deste trabalho, onde se encontram as regras supramencionadas.)

A essa interpretação contrapomos uma alternativa que se coaduna com a versão restritiva: avaliar o conteúdo de informação desses compostos pela regra morfológica (22) e uma regra semântica (23d):



O conhecimento do ambiente cultural e de informações extralinguísticas é necessário para complementar a informação da regra semântica (23d). O conteúdo de informação de garbage man será o mesmo, ou seja, a informação que tal palavra existe, mais o custo de referência a duas regras de redundância (22) e (23d) acopladas. O conhecimento restante, isto é, o de que garbage man é o homem que retira o lixo provém do conhecimento da parte idiossincrática do verbete da expressão.

Com relação à língua portuguesa, observa-se o mesmo. Há também necessidade de se ligar dados idiossincráticos às regras de redundância, na avaliação de compostos como:

- (28) a. petróleo (óleo que sai da pedra);  
 b. caneta-tinteiro (caneta que é provida de depósito de tinta)  
 c. fruta-pão (fruta que é semelhante ao pão);  
 d. menina-moça (menina que chega quase a ser moça);  
 e. pombo-correio (pombo que é usado para levar correspondência);  
 f. café-concerto (casa de diversões, onde o públi-

co bebe café e outras bebidas ouvindo canções). Esses nomes compostos da língua portuguesa ilustram claramente a variedade de relações semânticas que podem corresponder as estruturas morfológicas nome-nome. Parece-nos óbvio que a tarefa do componente semântico da língua vai apenas até o ponto da regra semântica 23d, ou seja, dizer-nos que o sentido de um nome morfológicamente formado por dois nomes é  $N_1$  que tem algo a ver com  $N_2$ . Essa relação morfo-semântica é fixa, e portanto está de acordo com a versão restritiva da avaliação do léxico.

Em Reflections on language<sup>22</sup>, Chomsky nos oferece uma dicotomia das regras de interpretação semântica, na qual o tratamento acima proposto cabe muito bem:

$$(29) \text{ Gramática da sentença: } \xrightarrow{B} EP \xrightarrow{T} ES \xrightarrow{RS-1} FL$$

$$\left. \begin{array}{l} RS - 2 \\ \text{outros sistemas} \end{array} \right\} : FL \longrightarrow \text{"significado"}$$

Este esquema significa que a estrutura superficial das sentenças serve de entrada para as chamadas Regras de Interpretação Semântica I, que são regras estritamente lingüísticas: regras que amalgamam o sentido dos constituintes, regras de anáfora, relações temáticas, alcance dos operadores lógicos. A saída dessas regras ele chama de Forma Lógica. Essa é a última forma fornecida pela gramática da língua. A Forma Lógica serve de entrada a outros tipos de regras, as Regras de Interpretação Semântica II, que, associadas a outros sistemas cognitivos, dão lugar à interpretação semântica final. Em Toward an explanatory semantic theory<sup>23</sup>, Jackendoff chega mesmo a classificar e formalizar algumas dessas regras semânti-

cas II, regras de inferência. Uma breve digressão, delineando essa tarefa nos elucidará a abordagem dos nomes compostos.

Jackendoff considera que um dos requisitos de uma teoria semântica adequada é o fornecimento de uma explicação do vínculo entre sentenças. Propõe, então, o princípio geral (30) para se determinar esse vínculo.

(30) Uma sentença S1 se vincula a uma sentença S2 se a representação semântica de S2 pode ser derivada da representação semântica de S1, por meio de uma seqüência de regras de inferência.

As regras de inferência serão da forma de (31):

(31)  $RS1 \implies RS2$  sob condições  $C_1, \dots, C_n$ .

As condições  $C_1, \dots, C_n$  são elementos de fato, não necessariamente expressos como sentenças.

Regras familiares de inferência lógica, podem ser estabelecidas como (32).

(32) a.  $P \text{ e } Q \implies P$   
 b.  $P \implies P \text{ ou } Q$

Dentro da mesma lógica, propõe regras de inferência que envolvem funções semânticas, como por exemplo, a de causação. Essa regra se baseia no princípio de que se um evento é causado, ele é estabelecido. Isso pode ser formalizado em (33).

(33) 
$$\left[ \begin{array}{l} \text{CAUSAR } (X, E) \\ Z \end{array} \right] \implies E$$

(33) permite-nos derivar os vínculos existentes entre as sentenças de (34).

(34) a. João matou Paulo com um revólver.

$$\left[ \begin{array}{l} \text{CAUSAR (JOÃO, IR (PAULO, Y, MORRER))} \\ \text{Ident} \\ \text{Inst: UM REVÓLVER} \end{array} \right]$$

$\Rightarrow$  Paulo morreu

b. João manteve Paulo enfermo

$$\left[ \begin{array}{l} \text{CAUSAR (JOÃO, PERMANECER (PAULO, ENFERMO))} \\ \text{Ident} \end{array} \right]$$

$\Rightarrow$  Paulo permaneceu enfermo

Outro princípio cognitivo que permite a formulação de uma regra de inferência é o de que se alguém não permite a ocorrência de um evento ele não ocorre. Assim, representando-se com E a afirmação de que algum evento se estabeleceu, pode-se usar a notação NÃO E para representar a afirmação de que o evento não foi estabelecido. Logo, NÃO prefixado a uma expressão indicadora de estado de coisas, indica que tal estado não foi obtido. Seja (35).

$$(35) \left[ \begin{array}{l} \text{NÃO PERMITIR (X, E)} \\ \text{Z} \end{array} \right] \Rightarrow \text{NÃO E}$$

Se X NÃO permite E, então E não acontece. Desde que o sentido de NÃO é desenvolvido pela sentença de negação, (35) nos permite inferências como (36).

(36) João não manteve Paulo enfermo

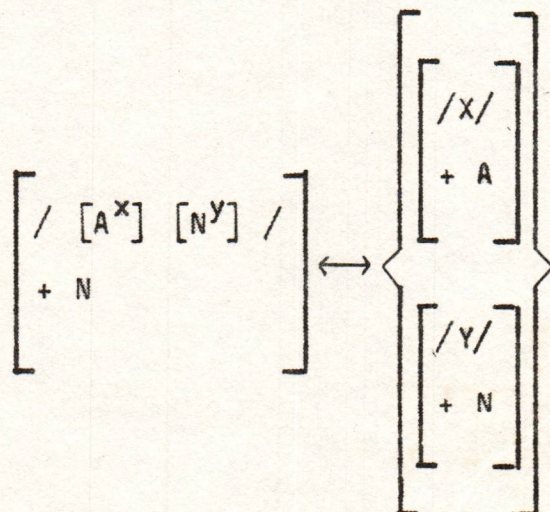
[ NÃO PERMITIR (JOÃO, PERMANECER (PAULO, ENFERMO))  
Ident ]

⇒⇒⇒ Paulo não permaneceu doente.

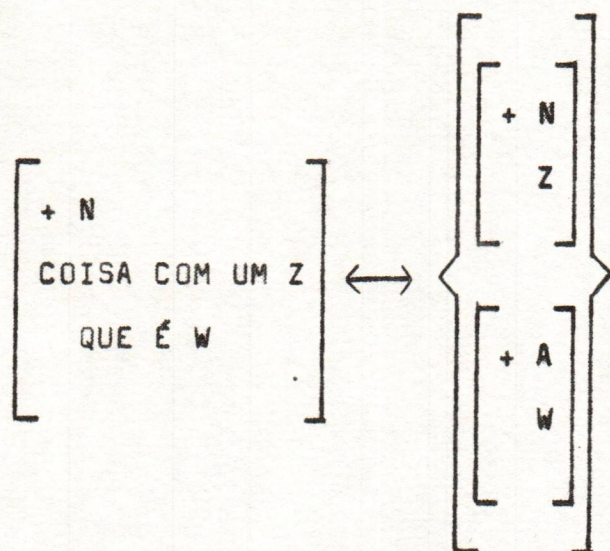
Essa digressão serviu para mostrar que é válido atribuir a parte idiossincrática que completa a regra de redundância semântica (23d) ao sistema de representação semântica-2, que tem acesso à informação extra-lingüística.

Jackendoff alude ainda aos compostos exocêntricos formados pela seqüência de um adjetivo e um nome. Essas composições diferem das anteriores pelo fato de que nenhum de seus constituintes descreve qual espécie de objeto o composto é. Sejam seus exemplos: redhead (espécie de pessoa), blackhead (espécie de bolha de pus), redwing (pássaro), yellow jacket (abelha), redcoat (um soldado), bigmouth (uma pessoa) etc. Esses compostos se formam pelas regras de redundância morfológica (37) e semântica (38).

(37)



(38)



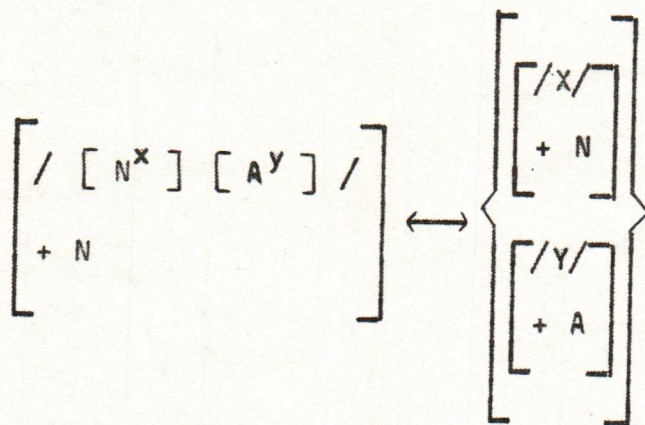
Jackendoff afirma que (38) expressa a generalização inerente a esses compostos, mas não esclarece a espécie de objeto a que o composto refere. A versão permissiva da medida de avaliação dá como custo de redhead (ou seja, o que o falante deve aprender sobre a palavra) por exemplo, a informação de que há uma palavra, mais a informação de que redhead é uma pessoa (uma forma mais completamente especificada de COISA em (38), mais o custo de referir às regras (37) e (38), separadamente. (Ver Jackendoff (1975) - subseção 5.2, p. 656-657 - onde as regras (37) e (38), respectivamente, correspondem às regras (25) e (27)).

Interpretando a avaliação desses itens lexicais, dentro da versão restritiva, chamamos a atenção para o fato de que as regras (39) e (40) se apresentam acopladas para todos esses nomes compostos. Quanto à parte idiossincrática de cada item particular (redhead [PESSOA], blackhead [LESÃO CUTÂNEA]) precisa ser fornecida como informação lexical do item total, e isso não está fora do alcance da versão restritiva.

Observe-se que os compostos exocêntricos também ocor-

rem no português: vaca-preta (bebida), amor-perfeito (flor), camisa verde (pessoa partidária do nazismo); mão-francesa (cantoneira de ferro); pão-duro (pessoa avarenta); canelas-ruivas (caititu); bico doce (espécie de cação); bico branco (espécie de cavalo); bico de gavião (corte na orelha); bico-de-lacre (pássaro); pé-de-moleque (doce); olho-de-boi (fruta); mel-de-anta (abelha); brinco-de-princesa (planta); bicho de concha (sujeito retraído) etc. A avaliação desses compostos pela versão restritiva, proposta por Jackendoff, ocorre sem problema algum, como no inglês. Apenas a regra (37) necessita uma ligeira alteração causada pela diferença de estrutura do SN em português, onde a seqüência é nome e adjetivo. Seja, pois, (37').

(37')



#### 2.4 - Expressões idiomáticas

Optando pela versão permissiva na avaliação do léxico, Jackendoff (cf. subseção 1.1.6.4, deste trabalho) fornece ainda uma outra aplicação da regra de redundância morfológica, sem ligação semântica. Trata-se das expressões idiomáticas que como já foi dito são composições sintáticas, cujos itens lexicais não prevêm o significado global, conforme acontece com os nomes compostos. Jackendoff propõe uma in-

serção lexical normal para esses itens, em termos de convenções já existentes na teoria da gramática. A fim de captar o conhecimento do falante de que essas expressões se constituem de palavras já existentes no léxico, faz uso das regras de estrutura frasal como regras de redundância morfológica. Quanto às regras de projeção somente seriam usadas se tais expressões possuíssem significado literal, ou seja, se não fossem idiomáticas. Desse fato, diz ele, decorre que somente as regras de redundância morfológica estão sendo aplicadas na redução de informação independente nas expressões idiomáticas. Portanto, há aí uma evidência importante em favor da versão permissiva do método de avaliação do léxico.

Para contradizer a proposta de Jackendoff, deveremos mostrar que a aplicação da regra de redundância morfológica, também nestes casos, não ocorre sem o suporte de regularidades semânticas. Assim, nossa discussão consistirá em mostrar que as construções idiomáticas ou ainda possuem, sincronicamente, uma semântica transparente ou têm uma explicação histórica muito clara. Basta voltar-se à motivação original que pode ter sido esquecida para reconstruir-se o processo de interpretação semântica II que, a partir do literal I, deu lugar ao sentido corrente da expressão.

Dos exemplos citados por Jackendoff, give hell to é uma expressão que soa a vulgaridade e de sentido bastante óbvio para dispensar esclarecimento, uma vez que ralhar, gritar, vociferar é um modo de infernizar alguém ou de lhe dar o inferno. Consideremos as explicações de Collins (A book of English idioms. 1956) sobre as outras expressões, ou sejam, kick the

bucket e take to task. Segundo esse dicionarista, bucket era o nome dado à viga onde se penduravam os porcos pelos tornozelos após serem mortos. Daí a expressão, que literalmente significa "chutar a viga", ser empregada com o sentido de "morrer". O dicionarista explica também que o nome task tem nessa expressão o sentido de "blame" (= culpa) devido ao fato de que o verbo to task era usado com este mesmo sentido.<sup>24</sup>

Dentro da versão restritiva, a informação independente acrescentada por kick the bucket deverá seguir pelo caminho utilizado na interpretação de todas as metáforas: Regras Semânticas I devem ser associadas a outros conceitos derivados do conhecimento extra-lingüístico para dar lugar ao entendimento pleno dessas expressões. A versão restritiva pode, pois, dar conta da lógica que sempre existe na motivação inicial dessas expressões idiomáticas. A propósito, consideremos o que nos diz Gladstone Chaves de Melo sobre a lógica da língua.

A linguagem é expressão não apenas do pensamento, mas também do sentimento, da vontade, das emoções, e ainda quando o é do pensamento, só muito raramente e que se tratará do pensamento lógico, discursivo, ordenado, refletido, ponderado.

As línguas são produtos históricos e sociais da faculdade da linguagem, são uma realização concreta no tempo, sujeita a atuação de vários fatores. Muitas vezes uma expressão de linguagem lógica, uma comparação refletida, uma metáfora viva sofre um processo de braquiologia e posterior fossilização, de tal arte que, a partir de certo momento, é impossível analisar racionalmente o seu conteúdo intelectual, sem embargo de se manter muito nítido o seu valor significativo. Estão neste caso centenas de modismos, de frases-feitas, inexplicáveis logicamente, mas perfeitamente compreensíveis. (MELO, Gladstone Chaves de. Iniciação à filologia portuguesa. p. 236).

Com relação ao português, pode-se, entre inúmeras ex-

pressões idiomáticas, citar frases com uma palavra de amplo uso coloquial: abacaxi. Essa palavra como é empregada hoje, embora um tanto incompreensível, é bastante expressiva. Ainda é possível reconstruir-se sua história, por resultar da braquiologia de expressão ainda corrente - descascar um abacaxi. Só quem já executou essa complicada operação pode compreender essa sugestiva metáfora. Por economia, a expressão metafórica reduziu-se ao substantivo abacaxi. Como esse há outros modismos: gente pra chuchu (que faz apelo à numerosidade da produção de um chuchuzal); dar o prego (que tem origem no verbo pregar, com a acepção de ficar exausto, esfalfar-se; entregar-se, dar-se por vencido, desistir por cansaço) etc.

Para sumariar, nosso desacordo com a interpretação de Jackendoff das expressões idiomáticas está no fato de que essas expressões podem ser tratadas como metáforas complexas, e como tal há necessariamente um caminho que liga sua morfologia a sua semântica, através das regras semânticas do tipo II.<sup>25</sup>

Um tipo de idioma que escapou com completo a Jackendoff é aquele que se baseia na redundância fonética pura, sem base morfológica nem semântica. São aqueles que sobrepõem a rima à lógica, como em - sem eira, nem beira, nem ramo de figueira - expressão que designa o almofadinha pobre (eira é terreiro onde se secam e debulham cereais, beira é sinônimo de beirada e ramo de figueira aparece para rimar. Citam-se ainda inúmeras frases-feitas criadas pela rima, como - fazer as coisas a trouxe-mouxe; não tuoiu, nem muoiu; exigir mundos

e fundos; fazer gato e sapato de alguém; misturar alhos com bugalhos etc.<sup>26</sup>

2.5 - Argumento diacrônico: groseberry > gooseberry

O último argumento apresentado por Jackendoff para reforçar a suficiência da redundância morfológica (e, portanto, a visão permissiva da medida de avaliação do léxico) liga-se aos nomes compostos de berry apresentados em (25). Em gooseberry e strawberry, os elementos constituintes são morfemas lexicais. Contudo, semanticamente, gooseberry não se liga a goose (= ganso), nem strawberry a straw (= palha). Desses fatos emerge, pois, a simples similaridade fonológica (groseberry > gooseberry) como condição satisfatória ao estabelecimento da redundância morfológica, ou seja, o único requisito exigido pela abordagem permissiva da avaliação do conteúdo de informação do léxico.

Em Caldas Aulete (Dicionário contemporâneo de língua portuguesa, p. 1990, v. 3) encontramos, porém, uma possível explicação para a passagem grose > goose na qual fica evidente a ponte semântica entre as duas formas. Esse dicionário dá, para gooseberry, groselheira ou groselheira-grossa, significando "uva-crespa". A qualidade crespa é comum à casca do gooseberry (uva-crespa) e à pele arrepiada do ganso, pele anserina, ou seja, a goose-flesh ou goose-skin. O ponto comum para o estabelecimento de tal associação pode ser a semelhança entre a aparência crespa e rugosa da casca do fruto e a da pele do ganso ou goose.

Jackendoff levanta a hipótese de que gooseberry possa ter sido uma vez \*groseberry. O que vale dizer que uma forma

inexistente ou deduzida cientificamente foi substituída por outra existente. Nossa interpretação desse fato é exatamente contrária a dele. Com base no fenômeno da descontinuidade de transmissão vocabular (cf. BUENO, Francisco da Silveira. Estudos de filologia portuguesa. p. 181-182) cremos poder dizer que uma forma (\*grose) que havia perdido o sentido foi substituída por outra (goese) que, pelo menos individualmente, tinha sentido. Semelhante ocorrência pode-se observar com relação ao antigo vocábulo foresta (cf. o francês forêt) que passou a floresta, onde se supõe uma interferência do substantivo flor (cf. SILVEIRA, Souza da. Lições de Português. p. 84).

Quanto ao vocábulo strawberry, o resultado de nossa pesquisa nos leva, também, a contradizer Jackendoff. A estrutura morfológica desse composto pode fornecer uma previsão do significado do todo, uma vez que seus elementos constituintes ((straw = palha) + (berry = fruto)) são raízes lexicais que descrevem a natureza do objeto por eles referenciado. Trata-se, portanto, de um fruto que tem algo a ver com palha. Esse sentido se justifica através de um hábito cultural inglês, que é o de cobrir tais frutos (morangos) com palha, a fim de protegê-los da geada. Essa constatação se encontra no verbete strawberry (cf. Webster's new international dictionary of the English language. p. 2492, v. 3) onde se lê - so named from being found under the mown grass. Como se vê, não se trata de uma associação puramente morfológica, e sim de uma estrutura formal a ser interpretada semânticamente, com justificativa cultural bem estabelecida.

Um fenômeno que fala contra a hipótese da versão per-

missiva, e a favor da restritiva, é o de etimologia popular. A etimologia popular visa a motivar o significante, ou o significado ou ambos (cf. JOTA, Zélio dos Santos. Dicionário de Lingüística. p. 127). No caso de gooseberry parece que a motivação visa ao duplo aspecto, isto é, a uma assimilação fonético-semântica. Lembramos, a propósito da passagem de gro-se > goose, o regionalismo português e brasileiro (Ceará) correr a coxia ou correr coxia, significando vadiar, andar por toda a parte, ir e vir etc, onde o segundo elemento mal conhecido ou desconhecido, foi trocado pela palavra cutia, designativa de um animalzinho da região. Daí a expressão correr cutia, da região sul-mineira.<sup>27</sup>

Apreciemos ainda mais alguns casos de etimologia popular, apresentados por Ismael de Lima Coutinho (cf. Gramática histórica. p. 154-155). Sejam os exemplos, em que a palavra modelo se apresenta quase que integral na nova forma: barriguiha (barriga) braguilha; esqatanhar (gato) esgadanhar; entrolhos (entre) antolhos; palmeirão (palmeira) Paul Neyron; vagamundo (mundo) vagabundo etc. Esse fenômeno alterou também elementos de expressões ou frases. Daí, inculpido e encarnado transformar-se em cuspidado e escarrado, pancadaria de mouro modificar-se em pancadaria de molho etc. Também provérbios como - Não se pescam trutas a bragas enxutas e Falar francês como um basco espanhol - respectivamente, passaram a - Não se pescam trutas a barbas enxutas e Falar francês como uma vaca espanhola. Essa tendência niveladora que uma palavra exerce sobre outra explica ainda traduções como: ó tempos dos mouros (o tempora! o mores!); a par e passo (pari passu); con-

tradança (country-dance); Estevão de Matos (Stabat Mater);  
Tadeu (Te Deum) etc.

Os casos de etimologia popular acima trazidos a exemplo mostram bem claro que a pressão de mudança vai no sentido da substituição de uma forma esvaziada de sentido por uma forma com sentido claro. Ou seja, é uma mudança que re-acopla morfologia e semântica.

### 3 - UM CASO DO PORTUGUÊS: UMA INCOMPATIBILIDADE SEMÂNTICA NA DERIVAÇÃO NOMINAL

#### 3.1 - Esclarecimento prévio

Para Jackendoff (1975), não é o sufixo o responsável pelo conteúdo semântico do nominal derivado do verbo. Um dado sufixo pode corresponder a vários significados, podendo também ocorrer o contrário, ou seja, vários sufixos terem o mesmo significado, conforme demonstra a tabela de nomes em (15). (Ver a subseção 1.1.4). Do fato de que a associação de afixos aos nominais deverbais apresenta um caráter arbitrário Jackendoff conclui que a medida de informação deve medir o custo de referência a regras morfológicas independentemente das semânticas. Daí coloca ele duas possibilidades de funcionamento da medida de avaliação, denominadas de versão permissiva e versão restritiva. A versão permissiva, que é aquela pela qual Jackendoff acaba por optar, implica afirmar que uma redundância semântica requer um relacionamento morfológico, mas a uma relação morfológica pode não corresponder qualquer relação semântica.

A parte central de nossa pesquisa consistiu em testar a validade dessa hipótese à luz do padrão distribucional de formas e sentidos encontrados em uma certa classe de nomes derivados de verbos. É a classe dos nomes que podem ser semanticamente definidos como um argumento do verbo do qual se derivam morfológicamente.

Nesse grupo de verbos, a versão permissiva e a versão restritiva podem ser cotejadas segundo a sua capacidade de prever os fatos morfológico-semânticos. A previsão da versão

permissiva seria a de que todos os sufixos derivacionais pudessem corresponder a todas as relações temáticas possíveis e todas as relações temáticas teriam realização morfológica com qualquer dos sufixos. A previsão da versão restritiva, ao contrário, é a de que existe uma certa sistematicidade na correspondência entre os sufixos e as relações temáticas que eles podem conferir aos nomes por eles formados.

Nosso estudo da relação entre os papéis temáticos dos nomes e a distribuição dos sufixos mostra que é a previsão da versão restritiva aquela à qual os fatos obedecem.

Antes de apresentarmos o fato central da nossa pesquisa abordemos a questão das relações gramaticais e da estrutura funcional.

### 3.2 - Relações gramaticais e estrutura funcional

#### 3.2.1 - A insuficiência semântica das relações gramaticais

Jackendoff (Semantic interpretation in generative grammar. 1972)<sup>28</sup> analisa a questão da correspondência entre relações gramaticais e relações funcionais. As relações gramaticais são aquelas que atribuem a um dado SN a qualidade de sujeito, objeto ou complemento indireto de um dado verbo. As relações funcionais dizem respeito ao papel semântico dos SN<sub>s</sub>, em termos de funções como agente, instrumento, locativo ou tema.

O problema que se coloca ao linguista é o de que nem sempre ocorre um paralelismo entre as relações gramaticais e as relações semânticas. Os exemplos de (39) e (40) ilustram a situação:

(39) A porta fechou.

(40) Paulo fechou a porta.

Aí, fatos semânticos não são expressos pelas relações gramaticais. O SN a porta tem a mesma função semântica em ambas as sentenças, embora haja divergência quanto à função gramatical, ou seja, sujeito em (39) e objeto em (40).

Essas observações trouxeram problema para os gramáticos que tomavam como princípio axiomático da teoria o de que toda informação semântica é contida na estrutura profunda. Partindo desse princípio, as estruturas sintáticas de (39) e (40) não podem ser as estruturas profundas "reais". Nas estruturas profundas "reais", o SN a porta deveria ocupar a mesma posição em (39) e (40). Todo esse sentimento está consubstanciado na teoria de gramática que inclui a forma forte<sup>29</sup> da Hipótese de Katz-Postal. De acordo com esse pensamento as estruturas profundas "naturais" (isto é, que correspondem às relações gramaticais "naturais", como sujeito e objeto) de (39) e (40), devem ser rejeitadas em favor de alguma representação mais "abstrata". O tradicional suporte gramatical da estrutura profunda - concebida como uma representação de padrões distribucionais sintáticos - deve ser rejeitado em favor de uma base semântica. Dentro dessa hipótese, desenvolveram-se duas outras diferentes abordagens para expressar as relações semânticas na estrutura profunda. A de Fillmore (1968)<sup>30</sup> coloca mais informação estrutural profunda na própria cláusula, na forma de um sistema de relações causais. A de Lakoff (1971)<sup>31</sup>, inicialmente, propõe expressar as partes da leitura semântica como pro-verbos mais altos que acabam sendo apagados. Como essa abordagem sofreu várias



Observe-se que em (41) voar é verbo de moção física, logo o tema é pássaro, ou seja, o SN que está em trânsito. Ainda nessa sentença, nota-se a função de locação, expressa pela posição física inicial, ou seja o SN gaiola, no papel temático de fonte e pela posição física final, o SN ninho ou meta. A sentença (42) envolve um caso de moção não física ou locação possessional. O tema é o SN contrabando que denota o objeto cuja posse está em trânsito. Conseqüentemente, o SN Júlio, ou seja, o possuidor inicial é a fonte, e o SN Maria ou o possuidor final a meta. O mesmo se observa em (43) e (44), sendo que nessa última, o SN asiló não é simples locativo, por se tratar de posição abstrata, mas é meta por ser o possuidor final.

Com verbos de locação física ou abstrata o tema é definido como o SN cuja locação está sendo afirmada:

(45) O pássaro permanece na gaiola.

(46) João mantém o copo na mão.

(47) João mantém o copo.

(48) O carro pertence a João.

(49) Mário sabe a resposta.

(45) e (46) são casos de locação posicional ou posição física. Em (47) há locação possessional, bem como em (48), por se tratar de posição abstrata. (49) envolve uma analogia abstrata de possessão, daí o SN resposta funcionar como tema. Observe-se em (46) e (47) um importante princípio para a extensão da noção de tema, ou seja, quando um verbo pode ser usado para expressar moção ou locação em diferentes domínios, o tema ocupa a mesma posição sintática. Outro princípio que

emerge do trabalho de Gruber é que os temas de palavras morfológicamente relacionados estão em posições semanticamente paralelas, como em:

(50) O círculo contém o ponto.

(51) O ponto está contido no círculo.

Em (50) não é claro qual SN é tema e qual é locação. Entretanto, (51) possui a preposição em, que marca uma expressão de locação, logo o ponto deve ser o tema. Seguindo a argumentação de Gruber conclui-se que o ponto é o tema em (50).

Além do tema, Gruber discutiu ainda as relações temáticas de locação, fonte e meta. Locação é definida como a relação temática associada com o SN expressando a locação, em uma sentença com um verbo de locação. É comum a expressão de locação ser preposicionada, mas nem sempre isso acontece. Em (45) e (46) a locação apresenta preposição, mas (47) e (48) (João) e (49) (Mário) ela não aparece. Segundo Gruber, os adjetivos podem funcionar como locações abstratas, como um domínio abstrato. Por exemplo, permanecer pode expressar tanto locação física, como abstrata:

(52) Lauro permaneceu na sala.

(53) Lauro permaneceu deprimido.

Como os verbos de locação, também os verbos de moção apresentam relações temáticas de fonte e meta, que comumente, mas nem sempre, vêm precedidas de preposição. Assim da gaiola em (41) e de Júlio em (42) são expressões preposicionadas de fonte; João em (44), na posição de sujeito, também é fonte, mas sem preposição. Também a função de meta pode ocorrer com ou sem preposição como para seu ninho em (41), Maria na

posição de sujeito em (42), Nara na posição de sujeito em (43); ao asilo em (44). O adjetivo pode não só preencher a locação abstrata, como também a de fonte e meta abstratas.

(54) Márcia foi de Carangola para Belo Horizonte.

(55) Márcia foi de exaltada a depressiva.

Consideremos, finalmente, a relação temática de agente. O SN agente é identificado por uma leitura semântica que atribui ao SN animado desejo ou volição com relação à ação expressa pela sentença. O agente está geralmente no sujeito, que pode suportar, normalmente, outras relações temática. Assim ocorre com o SN Márcio em (56) que funciona como agente e tema, porque ele se move deliberadamente.

(56) Márcio moveu-se.

Gruber nota que em sentenças causativas o sujeito é somente agente, como em (57):

(57) Márcia gastou o dinheiro.

O sujeito agentivo aceita construções com locuções conjuntivas como - a fim de que, porque, para que - e advérbios como - intencionalmente, acidentalmente, propositadamente.

(58) Márcia gastou o dinheiro, para se divertir.

(59) Márcia deliberadamente gastou o dinheiro.

(60) Márcia perdeu o dinheiro, para que conseguisse simpatia.

Por que Jackendoff crê na superioridade do sistema de relações temáticas de Gruber na descrição de certos fatos sobre interpretações semânticas? Em sua opinião há duas razões para que esse conjunto de relações não apresente apenas interesse teórico. A primeira é porque ele fornece um meio de u-

nificar vários usos do mesmo verbo morfológico, como em (46) João reteve o copo na mão e em (47) João reteve o copo. Nessas expressões o verbo reter é um único verbo, independente da locação posicional em (46) ou locação possessional em (47). Assim o sistema de Gruber é capaz de expressar não somente dados semânticos, mas também generalizações importantes no léxico. A segunda razão da preferência pelo sistema de relações temáticas de Gruber é que ele se presta para a formulação de muitas generalizações cruciais sobre distribuição de reflexivos, possibilidade de aplicação da passiva, e determinação dos antecedentes para o apagamento de sujeitos de sentenças subordinadas. Esclarece ainda que tais generalizações não têm, a priori, conexão com relações temáticas. Mas ele mostra em seu capítulo que a solução envolvendo relações temáticas é mais satisfatória. O fato de que elas são de uso adequado à descrição de aspectos independentes da linguagem é uma forte indicação de sua validade.

Jackendoff, em seu artigo de 1976, Toward an explanatory semantic representation, estende e aprofunda a análise das relações temáticas, tentando mostrar que ela forma as bases de uma legítima teoria explanatória da representação semântica.

### 3.3 - As definições essenciais

Em nossa tentativa de captar generalizações sobre a distribuição de sufixos nominais, ou melhor, de descrever a classe de nomes temáticos, julgamos necessário e suficiente um repertório de papéis temáticos consistindo de: agente, instrumento, locativo, tema. Esclarecemos ainda que

as funções de fonte e meta integrarão o locativo, pois não há necessidade de se desmembrá-lo.

Surge ainda uma pergunta. Quando diremos que um nome corresponde a um dado papel temático em relação ao verbo que é o seu primitivo morfológico? Sejam os exemplos:

- (61) -orador está em relação de agente com o verbo orar ([SN ora], ou seja, o orador ora);
- (62) -trinchante está em relação de instrumento com o verbo trinchar ([trincha com SN], ou seja, trincha-se com o trinchante);
- (63) -vestiário está em relação de locativo com o verbo vestir ([veste em SN], ou seja, alguém se veste no vestiário).
- (64) -compra está em relação de tema com o verbo comprar ([compra SN], ou seja, compra-se uma compra).

#### 3.4 - Incompatibilidade entre os sentidos de agente e tema para os sufixos derivacionais

Observe-se a tabela (65), que é uma pequena amostra do corpus por nós examinado. Ela nos mostra as possibilidades de formação morfológica de nominais derivados cuja descrição semântica pode ser feita em termos dos papéis semânticos tema, agente, instrumento e locativo. A tabela nos revela que no português, não há a ocorrência de todos os sentidos para um mesmo sufixo. Mais especificamente, a apreciação de (65) evidencia uma clara e sistemática incompatibilidade na ocorrência dos sentidos de agente e tema para um mes-

(65)

SUFIXO	AGENTE	INSTRUMENTO	LOCATIVO	TEMA
-or	escritor pensador orador	transmissor escorredor coador	congelador escorregador babador	
-eiro	lavadeira barbeiro cozinheiro	britadeira talhadeira cevideira	frigideira escarradeira asseadeira	
-nte	ouvinte amante combatente	alvejante amaciante tringhante	nascente estante batente	
-ário	secretário signatário usuário		recitório vestiário educandário	
-aria			destilaria confeitaria hospedaria	
-lão	comilão			
-do		vestido atestado certificado	morada subida percurso	achado escrito tecido
-turo	nascituro			
-ção		forração procuração	habitação exposição fundição	imitação invenção recordação
-ndo		moenda		oferenda multiplicando formando
-agem		passagem	passagem engrenagem	tatuagem
-ouro		esudouro dobadoura	ancoradouro matadouro cemedouro	
-ório			purgatório lavatório escritório	
-igo			jazigo	
-ijo			seconderijo	
-ura		atadura ligadura fechadura	sepultura embocadura	leitura escultura gravura
-mento		armamento fardamento ornamento	estacionamento alojamento acostamento	pagamento pensamento sentimento
-ivo	executivo	adesivo aperitivo sedativo		
-nça		lembrança		audança herança lembrança
-ência		transferência	confluência	ocorrência confidência exigência
-iz	aprendiz			
-g	mendigo crítico assassino	molda tranca fecho	encosto assento caminho	compra pergunta súplica
redupli- cação	lambe-lambe	pieca-pieca	trepe-trepe rema-rema	trema-trema puxe-puxe

No APÊNDICE oferecemos uma expansão da presente tabela, com listas dos deverbais de cada tipo.

mo sufixo. Observe-se, pois, que embora um mesmo sufixo possa corresponder a mais de um papel temático (agente, instrumento e locativo; instrumento, locativo e tema) não existe nenhum sufixo que corresponda tanto ao papel de agente, quanto ao papel de tema.

### 3.5 - Dois únicos casos de compatibilidade entre os sentidos de agente e tema

Vimos, em (65), que para todos os sufixos é incompatível a correspondência conjunta com os papéis de agente e tema. Entretanto, constatamos dois tipos de formas que podem expressá-los a ambos: a reduplicação e o sufixo  $\emptyset$  ou derivação regressiva.

Acreditamos que essas duas exceções não chegam a quebrar a regularidade encontrada. Há algo que as exclui do conjunto dos demais sufixos. No caso do morfema  $\emptyset$ , vemos que o processo se caracteriza pela ausência de um elemento morfológico. Não é, pois, um elemento presente, mas ausente. Esse fator diferencial é responsável pela denominação especial que esse procedimento derivacional tradicionalmente recebe. Aqui não ocorre sufixação. Daí, nas gramáticas, esse processo de criação vocabular chamar-se derivação regressiva, devido à redução da palavra derivante<sup>33</sup>.

Quanto à reduplicação é uma técnica derivacional que em nossa língua, é percebida como algo jocoso, quase característico da linguagem infantil: duplicação de sílabas e, por extensão, duplicação de palavras. Essas palavras são todas típicas de um registro de uso informal, como se os falantes soubessem que constituem entidades lingüísticas marginais ao

sistema.

### 3.6 - Considerações finais

Essas considerações nos conferem um argumento de avaliação entre as alternativas permissiva e restritiva da medida de avaliação do léxico. Nota-se em (65) a incompatibilidade entre os sentidos de agente e tema. Isso evidencia que não basta, apenas, a redundância morfológica advoçada pela forma permissiva. Bastaria, se, sistematicamente, um sufixo ocorresse com todos os sentidos. À luz da distribuição morfo-semântica encontrada, as regras semânticas e as regras morfológicas não devem entrar separadas na avaliação da redundância de um item lexical. A incompatibilidade sistemática entre o sentido agentivo e o sentido tematizador dos sufixos estudados nos leva a crer que as regras morfológica e semântica devem entrar associadas na medida de avaliação, a fim de expressar o funcionamento real da língua. Do ponto de vista das relações temáticas, é imprevisível, dentro da hipótese da versão permissiva da medida de informação, o fato de os nominais deverbais não acumularem as relações semânticas de agente e tema dos respectivos verbos. Ao contrário, a versão restritiva prevê a ligação entre a redundância morfológica e a redundância semântica. A configuração dos fatos favorece claramente a versão restritiva da medida de avaliação do léxico, uma vez que existe de fato uma limitação nas relações possíveis entre forma e sentido.

Uma pergunta que fica em aberto diz respeito à explicação do esquema gráfico encontrado em (66).

(66)



Por que há incompatibilidade apenas entre tema e agente, mas não entre as demais funções? A questão sugere que sejam procurados critérios para distinguir entre funções essenciais (tema e agente) e funções acessórias (locativo e instrumento). Se isso pudesse ser feito, poderíamos dizer que as regras de redundância morfológica exigem uma ligação fixa com regras de redundância semântica nos casos em que estão envolvidas funções essenciais.

#### 4 - CONCLUSÕES

Admitindo-se que adequação é um problema empírico, procurou-se neste trabalho testar a superioridade descritiva das versões permissiva e restritiva da medida de avaliação do léxico, duas alternativas concebíveis dentro da teoria do verbo pleno, proposta por Jackendoff (Morphological and semantic regularities in the lexicon. 1975) ao elaborar a Hipótese Lexicalista de Chomsky (Remarks on nominalization. 1970) que explica a relação primitivo/derivado dentro de um componente lexical. Na avaliação do conteúdo de informação do item lexical, esse relacionamento é expresso pelas regras de redundância morfológica e semântica, as quais entram separadas na versão permissiva e juntas na versão restritiva. Jackendoff opta pela forma permissiva por considerar que no estágio atual do inglês, a redundância morfológica deve ser contada sozinha ao medir-se a informação redundante de certos itens lexicais. Tal conclusão tem o sério inconveniente de não permitir a separação entre redundância morfológica e coincidências fonológicas como aliterações e rimas.

Buscando testar a validade dessa hipótese à luz do padrão distribucional da associação entre formas e sentidos, processou-se ao levantamento de um corpus composto de nominais deverbais que, semanticamente, podem ser definidos como um argumento do verbo do qual se derivam morfológicamente. A seguir, adotando um repertório de relações temáticas proposto inicialmente por Gruber e reelaborado por Jackendoff, construiu-se uma tabela que oferece uma visão das relações morfo-semânticas para os argumentos verbais. Esses dados possibilitam um

cotejo entre a versão permissiva e a versão restritiva, pois pode-se comparar a capacidade de cada uma de prever os fatos morfológico-semânticos. A previsão da forma permissiva seria a de uma correspondência assistemática entre todas as relações temáticas e todos os sufixos nominalizadores deverbais, em ambas as direções. Contrariamente, a forma restritiva prevê uma certa sistematicidade na correspondência entre os sufixos e os papéis temáticos que eles podem conferir aos nomes por eles formados.

Pela análise dessa tabela, constatou-se uma incompatibilidade sistemática apenas entre as funções semânticas de agente e tema. Tal fenômeno empírico constitui um argumento de opção. Concluiu-se, pois, que no estudo da relação entre as funções temáticas dos nomes e a distribuição dos sufixos nominalizadores deverbais é a previsão da versão restritiva a que corresponde à realidade lingüística, ou seja, o funcionamento real da língua.

O fenômeno constatado, ao mesmo tempo que ajuda a responder a uma pergunta, abre outra, pois agora fica por explicar a razão pela qual as funções de agente e tema são as morfologicamente incompatíveis, e não as demais. Parece que uma tarefa premente para os estudos semânticos é a de propor critérios que distingam funções essenciais e funções acessórias, justificando assim as diferenças de comportamento encontradas.

5 - NOTAS

- \* a epígrafe é de WEINREICH (1961) apud LOBATO (1977) p. 169.
- 1 BASÍLIO (1977), p. 35 e 50, considera falho o sistema de Jackendoff no caso das palavras formadas sobre bases lexicais inexistentes. Sua alegação é a de que a referência a uma regra bi-direcionada implica a exigência de que ambos os lados sejam satisfeitos, daí, segundo ela, o sistema não escapa à postulação de ítems lexicais hipotéticos. Contudo, Miriam Lemle considera que essa colocação não faz justiça a JACKENDOFF (1975), uma vez que chegou a ser por ele próprio prevenida, quando compara, à p. 648, a avaliação da redundância dos verbetes de perdition, damnation e orchestra. Diante dessa discordância em face da objeção de Basílio, consideramos válido no presente trabalho debater uma parte das conclusões de JACKENDOFF (1975) a partir das mesmas bases conceituais por ele construídas.
  - 2 PIETZSCHKE (1977) s.v. "profess", "professor".
  - 3 AULETE (1964) s.v. "professar".
  - 4 OXFORD (1933) s.v. "commission".
  - 5 PIETZSCHKE (1977) s.v. "commission", "commit". Há correspondência de sentido entre commission, n (autorização, licença, procuração; delegação de autoridade; autoridade, poder ou direito concedido, encargo, incumbência, ordem, ato, cometimento, execução, perpetração) e commit, v (confiar, entregar, consignar, depositar, cometer, perpetrar).
  - 6 OXFORD (1933) s.v. "perdition".
  - 7 SARAIVA (s.d.) s.v. "pērdīte".
  - 8 OXFORD (1933) s.v. "retribution".
  - 9 Ibidem, s.v. "agression".
  - 10 Ibidem, s.v. "fission".
  - 11 SARAIVA (s.d.) s.v. "findō".
  - 12 PIETZSCHE (1977) v. 1, p. 67. Observe-se que essas palavras (aviation/aviate) não se encontram registradas no OXFORD.
  - 13 NASCENTES (1932) s.v. "autor", "outorgar".
  - 14 Ibidem, s.v. "posição". Cf. SARAIVA (s.d.) s.v. "positiō, ōnis" e "pōnō".
  - 15 AULETE (1964) s.v. "asserção".
  - 16 SARAIVA (s.d.) s.v. "āssērtiō, ōnis" e "asserere".

- 17 Cf. o paradigma de (17), na subseção 1.1.6.2 deste trabalho e na subseção 5.1 de JACKENDOFF (1975), p. 653.
- 18 Desde que a maioria dos prefixos e raízes não veículam informação semântica, não é possível acoplar 18 ou 20 a uma regra semântica. Obviamente a medida de informação deve permitir apenas a redundância morfológica (cf. JACKENDOFF (1975) p. 654).
- 19 OXFORD (1933).
- 20 SARAIVA (s.d.).
- 21 Verbo inexistente para JACKENDOFF (1975), mas atestado pelo OXFORD.
- 22 CHOMSKY (1975) p. 105.
- 23 JACKENDOFF (1976) p. 110-122.
- 24 COLLINS (1956) p. 80 (225 - kick the bucket); p. 227 (911 - take to task).
- 25 CHOMSKY (1975) p. 105.
- 26 MELO (1967) p. 237-238.
- 27 Ibidem, p. 236.
- 28 JACKENDOFF (1972) p. 25-46.
- 29 Forma forte é o princípio teórico básico que admite estar toda a informação semântica contida na estrutura profunda.
- 30 FILLMORE (1968) apud JACKENDOFF (1972) p. 28.
- 31 LACKOFF (1971) apud JACKENDOFF (1972) p. 26.
- 32 GRUBER (1965 e 1967a) apud JACKENDOFF (1972) p. 29.
- 33 CUNHA (1967) p. 119. BASÍLIO (1977), p. 98, mostra o status especial da relação lexical  $N \leftrightarrow V$  na língua: aplica-se a praticamente todos os verbos, independentemente da manifestação morfológica desse relacionamento.
- 34 Classificamos executivo como instrumento e não como agente por motivo de simetria formal. O fato de o sufixo usado para formar o termo ser -ivo (e não -or ou -ante) revela o papel meramente instrumental que as grandes corporações concedem a essa classe de profissionais!

## 6 - BIBLIOGRAFIA

- 1 - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, Rio de Janeiro. Normalização da documentação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro, IBBD, 1964. 127 p.
- 2 - AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro, Delta, 1964. 5 v.
- 3 - BASÍLIO, Margarida. Aspects of the structure of the lexicon. Evidence from Portuguese. Tese de Doutorado, defendida na Universidade do Texas, Austin, em maio de 1977. 167 fl. mimeo.
- 4 - BERTAUS & LEPOINTE. Dictionnaire français allemand. Paris, Hachette, 1962.
- 5 - BUENO, Francisco da Silveira. Estudos de filologia portuguesa. 5. ed. São Paulo, Saraiva, 1967. 241 p.
- 6 - CAMÕES, Luis de. Obra completa. Org., intr., coment. e anotações Prof. Antônio Salgado Júnior. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.
- 7 - CHOMSKY, Noam. Reflections on language. New York, Pantheon Books, 1975.
- 8 - ----- . Remarks on nominalization. In: ---. Studies on semantics in generative grammar. Paris, Mouton, 1970.
- 9 - COLLINS, V.H. A book of English idioms. London, Longmans Green, 1956.
- 10- COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. 6. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1968. 357 p.
- 11- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da língua portuguesa. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, FENAME, 1976. 119 p.
- 12- FILLMORE, C.J. The case for case. In: BACH, E. & HARMS, R., eds. Universals in linguistic theory. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1968.
- 13- GRUBER, Jeffrey. Studies in lexical relations. Tese de Doutorado não publicada. Cambridge, MIT, 1965. [Distribuída pelo Clube de Linguística da Universidade de Indiana, Bloomington, Indiana]
- 14- ----- . Look and see. Language, 43: 937-947, 1967.
- 15- JOTA, Zélio dos Santos. Dicionário de linguística. Rio de Janeiro, Presença, 1976. 353 p.
- 16- JACKENDOFF, Ray S. Gramatical relations and functional

- structure. In: ---. Semantic interpretation in generative grammar. Cambridge, THE MIT Press, 1972. p. 25-46.
- 17- ----- Morphological and semantic regularities in the lexicon. Language, 51(3): 639-761, 1975.
- 18- ----- Toward an explanatory semantic representation. Linguistic Inquiry, Cambridge, 1(7): 89-150, 1976.
- 19- LAKOFF, G. Syntactic irregularity. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1971.
- 20- LOBAJO, Lúcia Maria Pinheiro; seleção, introdução e revisão técnica. A semântica na linguística moderna: o léxico. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977. 388 p.
- 21- LITTON, Gaston. A pesquisa bibliográfica (em nível universitário). Trad. Terezine Arantes Ferraz. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1975. 188 p.
- 22- MELO, Gladstone Chaves. Iniciação à filologia portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967. 322 p.
- 23- NASCENTES, Antenor. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1932. Primeira e Única Edição.
- 24- NEILSON, Allan Willian, ed. Webster's new international dictionary of the English language. Springfield, G. C. Merriam, 1955. v. 3.
- 25- THE OXFORD English dictionary. Oxford, Clarendon Press, 1933. 12 v.
- 26- PIETZSCHKE, Fritz, or. Novo Michaelis (dicionário ilustrado) 22. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1977. 4 v.
- 27- SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia. 3. ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1973. 301 p.
- 28- SALVADOR, Angelo Domingos. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica; elaboração de trabalhos científicos. 5. ed. rev. aum. Porto Alegre, Sulina, 1971. 235 p.
- 29- SARAIVA, F.R. dos Santos. Novíssimo dicionário latino-português. 5. ed. Paris, Garnier [s.d.]
- 30- SILVA, Mário Camarinha da. Referências bibliográficas... In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA E LITERATURA, 3º, Rio de Janeiro, 15 a 19 jul. 1971 [ANAIIS...] Rio de Janeiro, Gernasa, 1972. p. 131-141.
- 31- SILVA, Rebeca Peixoto da et alii. Redação técnica. Porto Alegre, Formação, 1974. 189 p.

- 32- SILVEIRA, Souza da. Lições de Português. 7. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1964. 312 p.
- 33- WEINREICH, Uriel. On the semantics of natural language. Esboço de proposta, mimeografado (1961), a ser publicado em WEINREICH, Uriel. Collected works. Bloomington, Indiana University Press. v. 1.

## A P Ê N D I C E

### Dados adicionais à tabela (65)

#### 1- Nominiais derivados pelo sufixo -or

Verbo	Nome	Função temática
abafar	abafador	instrumento
abonar	abonador	agente
acender	acendedor	agente
acumular	acumulador	locativo
administrar	administrador	agente
adular	adulador	agente
agredir	agressor	agente
amolar	amolador	agente
anteceder	antecessor	agente
apagar	apagador	instrumento
aparar	aparador	agente/locativo
argumentar	argumentador	agente
armar	armador	agente
arremessar	arremessador	agente
arrendar	arrendador	agente
ascender	ascensor	agente
assobiar	assobiador	agente
atirar	atirador	agente
azulejar	azulejador	agente
babar	babador	locativo
bajular	bajulador	agente
bater	batedor	agente/instrumento
beber	bebedor	agente/locativo
benfazer	benfeitor	agente

Verbo	Nome	Função temática
benzer	benzedor	agente
britar	britador	instrumento
brunir	brunidor	instrumento
calibrar	calibrador	instrumento
captar	captor	agente
carregar	carregador	agente
cavar	cavador	agente
coajudar	coadjutor	agente
classificar	classificador	agente/instrumento
coar	coador	instrumento
cobrar	cobrador	agente
condicionar	condicionador	instrumento
congelar	congelador	locativo
conhecer	conhecedor	agente
conspirar	conspirador	agente
contar	contador	agente
correr	corredor	agente
cortar	cortador	agente
criar	criador	agente
defender	defensor	agente
denominar	denominador	agente
descascar	descascador	instrumento
desertar	desertor	agente
dever	devedor	agente
dirigir	diretor	agente
disciplinar	disciplinador	agente
ditar	ditador	agente

Verbo	Nome	Função temática
doar	doador	agente
editar	editor	agente
educar	educador	agente
eleger	eleitor	agente
elevantar	elevador	instrumento
emitir	emissor	agente
empregar	empregador	agente
emprestar	emprestador	agente
encadernar	encadernador	agente
entalhar	entalhador	agente
escorrer	escorredor	instrumento
escorregar	escorregador	locativo
escrever	escritor	agente
esculpir	escultor	agente
estofar	estofador	agente
estrangular	estrangulador	agente
estucar	estucador	agente
executar	executor	agente
explicar	explicador	agente
falar	falador	agente
falsificar	falsificador	agente
fazer	feitor	agente
ferrar	ferrador	agente
fiar	fiador	agente
fornecer	fornecedor	agente
frisar	frisador	agente/instrumento
gastar	gastador	agente

Verbo	Nome	Função temática
gerar	genitor	agente
gerar	gerador	instrumento
gravar	gravador	instrumento
hipnotizar	hipnotizador	agente
incentivar	incentivador	agente
indicar	indicador	instrumento
infringir	infrator	agente
inquirir	inquisidor	agente
interromper	interruptor	instrumento
inspecionar	inspetor	agente
instruir	instrutor	agente
insultar	insultador	agente
jogar	jogador	agente
laçar	laçador	agente
lamber	lambedor	agente
lavar	lavrador	agente
legislar	legislador	agente
ler	leitor	agente
liquidificar	liquidificador	instrumento
locar	locador	agente
moderar	moderador	agente
morar	morador	agente
matar	matador	agente
observar	observador	agente
operar	operador	agente
orar	orador	agente
pecar	pecador	agente

Verbo	Nomes	Função temática
pegar	pegador	agente
pensar	pensador	agente
pescar	pescador	agente
pintar	pintor	agente
planejar	planejador	agente
portar	portador	agente
pregar	pregador	agente
produzir	produtor	agente
promover	promotor	agente
proteger	protetor	agente
prover	provedor	agente
ralar	ralador	instrumento
receber	recebedor	agente
redigir	redator	agente
roer	roedor	agente
regar	regador	instrumento
relatar	relator	agente
remar	remador	agente
revisar	revisor	agente
sacar	sacador	agente
seduzir	sedutor	agente
segurar	segurador	agente
semear	semeador	agente
serrar	serrador	agente
servir	servidor	agente
suceder	sucessor	agente
trabalhar	trabalhador	agente

Verbo	Nome	Função temática
traduzir	tradutor	agente
trair	traidor	agente
transmitir	transmissor	agente
transportar	transportador	agente
treinar	treinador	agente
torcer	torcedor	agente
torturar	torturador	agente
tutelar	tutor	agente
vender	vendedor	agente
venerar	venerador	agente
zelar	zelador	agente

2- Nominiais derivados pelo sufixo -eiro

Verbo	Nome	Função temática
assar	assadeira	locativo
atolar	atoleiro	locativo
barbear	barbeiro	agente
bordar	bordadeira	agente
britar	britadeira	instrumento
confeitar	confeiteiro	agente
cozinhar	cozinheira	agente
desfilar	desfiladeiro	locativo
despir	despideira	locativo
dobar	dobadeira	agente
empreitar	empreiteiro	agente
escarrar	escarradeira	locativo
fiar	fiadeira	agente/locativo
fiar	fiandeira	agente

Verbo	Nome	Função temática
frigir	frigideira	locativo
garimpar	garimpeiro	agente
gelar	geladeira	instrumento
golear	goleiro	agente
herdar	herdeiro	agente
joeirar	joeireiro	agente
lavar	lavadeira	agente
parar	paradeiro	locativo
passar	passadeira	agente/locativo
sinalar	sinaleiro	agente/instrumento
talhar	talhadeira	instrumento

### 3- Nominiais derivados pelo sufixo -nte

Verbo	Nome	Função temática
afluir	afluente	agente
alvejar	alvejante	instrumento
amaciar	amaciante	instrumento
amar	amante	agente
aspirar	aspirante	agente
assaltar	assaltante	agente
assinar	assinante	agente
assistir	assistente	agente
atenuar	atenuante	instrumento
calmar	calmante	instrumento
caminhar	caminhante	agente
circunstar	circunstante	agente
combater	combatente	agente

Verbo	Nome	Função temática
comprovar	comprovante	instrumento
contribuir	contribuinte	agente
corar	corante	instrumento
crer	crente	agente
declarar	declarante	agente
desodorar	desodorante	instrumento
despachar	despachante	agente
dirigir	dirigente	agente
dormir	dormente	locativo
emigrar	emigrante	agente
emitir	emitente	agente
emolir	emoliente	instrumento
endossar	endossante	agente
escrever	escrevente	agente
estar	estante	locativo
estudar	estudante	agente
fabricar	fabricante	agente
falar	falante	agente
gerir	gerente	agente
gestar	gestante	agente
habitar	habitante	agente
imigrar	imigrante	agente
mirar	mirante	locativo
nascer	nascente	locativo
navegar	navegante	agente
ouvir	ouvinte	agente
pisar	pisante	instrumento

Verbo	Nome	Função temática
pôr (poer)	poente	locativo
restaurar	restaurante	locativo
traficar	traficante	agente
trincar	trinchante	agente/instrumento/locativo
viajar	viajante	agente
viver	vivente	agente
ouvir	ouvinte	agente
pedir	pedinte	agente
pretender	pretendente	agente
reagir	reagente	instrumento
reger	regente	agente
remeter	remetente	agente
ruminar	ruminante	agente

4- Nominais derivados pelo sufixo -ário

Verbo	Nome	Função temática
arrendar	arrendatário	agente
destinar	destinatário	locativo
dispensar	dispensário	locativo
educar	educandário	locativo
escriturar	escriturário	agente
indicar	indicatário	agente
incendiar	incendiário	agente
locar	locatário	agente
mostrar	mostruário	locativo
operar	operário	agente
penitenciar	penitenciária	locativo
receitar	receituário	locativo

Verbo	Nome	Função temática
assinar	signatário	agente
secretariar	secretário	agente
usar	usuário	agente
vestir	vestiário	locativo

5- Nominais derivados pelo sufixo -aria

Verbo	Nome	Função temática
confeitar	confeitaria	locativo
destilar	destilaria	locativo
hospedar	hospedaria	locativo
lavar	lavanderia	locativo

6- Nominais derivados pelo sufixo -lão

Verbo	Nome	Função temática
aludir	alusão	tema
babar	babão	agente
comer	comilão	agente
perdoar	perdão	instrumento
pilar	pilão	locativo
prender	prisão	locativo
prover	provisão	tema
refletir	reflexão	tema
sugerir	sugestão	tema

7- Nominais derivados pelo sufixo -do (to/so)

Verbo	Nome	Função temática
achar	achado	tema
agregar	agregado	tema

Verbo	Nome	Função temática
arrazoar	arrazoado	tema
assar	assado	tema
assassinar	assassinado	tema
atestar	atestado	instrumento
beber	bebida	tema
certificar	certificado	instrumento
chegar	chegada	locativo
coalhar	coalhada	tema
colorir	colorido	tema
compor	composto	tema
concordar	concordata	instrumento
conter	conteúdo	tema
cromar	cromado	tema
descer	descida	locativo
ditar	ditado	tema
dizer	dito	tema
engradar	engradado	instrumento
entrar	entrada	locativo
escrever	escrito	tema
estatuir	estatuto	tema
fazer	fato	tema
fazer	feito	tema
ferir	ferido	tema
fritar	fritada	tema
impor	imposto	tema
jazer	jazida	tema
laçar	laçada	tema
largar	largada	tema

Verbo	Nome	Função temática
mandar	mandato	instrumento
melar	melado	tema
morar	morada	locativo
parar	parada	locativo
partir	partida	locativo
pedir	pedido	instrumento/tema
percorrer	percurso	locativo
resultar	resultado	tema
sair	saída	locativo
significar	significado	tema
sindicar	sindicato	locativo
subir	subida	locativo
tecer	tecido	tema
torcer	torcida	locativo
torrar	torrada	tema
tributar	tributo	instrumento
vestir	vestido	instrumento

8- Nominais derivados pelo sufixo -turo

Verbo	Nome	Função temática
nascer	nascituro	agente

9- Nominais derivados pelo sufixo -ção

Verbo	Nome	Função temática
afirmar	afirmação	tema
agremiar	agremiação	locativo
adquirir	aquisição	tema
aparecer	aparicação	tema

Verbo	Nome	Função temática
apelar	apelação	instrumento
arguir	arguição	instrumento
argumentar	argumentação	instrumento
armar	armação	tema
articular	articulação	locativo
asseverar	asseveração	tema
associar	associação	locativo
coleccionar	coleção	tema
compor	composição	tema
confeccionar	confeção	tema
confirmar	confirmação	instrumento
congregar	congregação	tema
constatar	constatação	tema
constituir	constituição	tema
convencionar	convenção	tema
criar	criação	tema
dramatizar	dramatização	tema
declarar	declaração	instrumento/tema
demonstrar	demonstração	tema
destilar	destilação	locativo/tema
dissertar	dissertação	instrumento
editar	edição	tema
edificar	edificação	tema
elevar	elevação	locativo
emanar	emanação	tema
embarcar	embarcação	locativo
enunciar	enunciação	tema

Verbo	Nome	Função temática
escreiturar	escrituração	tema
estacionar	estação	locativo
exalar	exalação	tema
excretar	excreção	tema
expedir	expedição	tema
expor	exposição	locativo/tema
fermentar	fermentação	tema
forrar	forração	instrumento
fortificar	fortificação	tema
fundir	fundição	locativo/tema
gravar	gravação	tema
inovar	inovação	tema
habitar	habitação	locativo
imputar	imputação	tema
instituir	instituição	locativo/tema
introduzir	introdução	instrumento
inventar	invenção	tema
justapor	justaposição	tema
jungir	junção	locativo
malformar	malformação	tema
malformar	má-formação	tema
nomear	nomeação	instrumento
notificar	notificação	instrumento
observar	observação	tema
orar	oração	tema
ponderar	ponderação	tema
predizer	predição	instrumento

Verbo	Nome	Função temática
procurar	procuração	instrumento
propor	proposição	tema
ramificar	ramificação	locativo
realizar	realização	tema
reclamar	reclamação	tema
recordar	recordação	tema
redigir	redação	tema
relacionar	relação	instrumento
representar	representação	tema
restringir	restrição	instrumento
revelar	revelação	tema
secretar	secreção	tema
traduzir	tradução	instrumento
transcrever	transcrição	instrumento
vedar	vedação	instrumento

10- Nominais derivados pelo sufixo -ndo

Verbo	Nome	Função temática
dividir	dividendo	tema
doutorar	doutorando	tema
formar	formando	tema
oferecer	oferenda	tema
memorar	memorando	tema
mestrar	mestrando	tema
moer	moenda	instrumento
multiplicar	multiplicando	tema
reverenciar	reverendo	tema

11- Nominais derivados pelo sufixo -agem

Verbo	Nome	Função temática
engrenar	engrenagem	locativo/tema
passar	passagem	instrumento/locativo
tatuar	tatuagem	tema

12- Nominais derivados pelo sufixo -ouro

Verbo	Nome	Função temática
ancorar	ancoradouro	locativo
bater	batedouro	locativo
beber	bebedouro	locativo
comer	comedouro	locativo
dobar	dobadoura	instrumento
embarcar	embarcadouro	locativo
lograr	logradouro	locativo
matar	matadouro	locativo
sorver	sorvedouro	locativo
suar	suadouro	instrumento
sumir	sumidouro	locativo

13- Nominais derivados pelo sufixo -ório

Verbo	Nome	Função temática
ouvir	auditório	locativo
consultar	consultório	locativo
escrever	escritório	locativo
laborar	laboratório	locativo
lavar	lavatório	locativo
orar	oratório	locativo

Verbo	Nome	Função temática
parlar	parlatório	locativo
purgar	purgatório	locativo
sanar	sanatório	locativo

14- Nominais derivados pelo sufixo -igo

Verbo	Nome	Função temática
jazer	jazigo	locativo

15- Nominais derivados pelo sufixo -ijo

Verbo	Nome	Função temática
esconder	esconderijo	locativo

16- Nominais derivados pelo sufixo -ura

Verbo	Nome	Função temática
armar	armadura	instrumento
atar	atadura	instrumento
cavalgar	cavalgadura	locativo
chanfrar	chanfradura	tema
cobrir	cobertura	instrumento
criar	criatura	tema
embocar	embocadura	locativo
escrever	escritura	tema
esculpir	escultura	tema
fechar	fechadura	instrumento
gravar	gravura	tema
lavrare	lavradura	tema
ler	leitura	tema
levedar	levedura	tema
ligar	ligadura	instrumento/locativo

Verbo	Nome	Função temática
manufaturar	manufatura	tema
pirogravar	pirogravura	tema
pôr	postura	tema
sepultar	sepultura	locativo
urdir	urdidura	tema
varrer	varredura	tema

17- Nominais derivados pelo sufixo -mento

Verbo	Nome	Função temática
acostar	acostamento	instrumento
aforar	aforamento	instrumento
ajuntar	ajuntamento	tema
alojar	alojamento	locativo
apontar	apontamento	tema
armar	armamento	instrumento
assentar	assentamento	instrumento
aviar	aviamento	instrumento
correr	corrimento	tema
conhecer	conhecimento	tema
depor	depoimento	instrumento
descarregar	descarregamento	tema
divertir	divertimento	instrumento
estacionar	estacionamento	locativo
empreender	empreendimento	tema
encher	enchimento	instrumento
fardar	fardamento	instrumento
julgar	juízo	instrumento
jurar	juramento	instrumento/tema

Verbo	Nome	Função temática
ligar	ligamento	instrumento
ornar	ornamento	instrumento
pagar	pagamento	tema
pensar	pensamento	tema
pressentir	pressentimento	tema
pronunciar	pronunciamento	tema
reger	regimento	instrumento
regular	regulamento	instrumento
requerer	requerimento	instrumento
ressentir	ressentimento	tema
sentir	sentimento	tema
suprir	suprimento	tema
vestir	vestimenta	tema

18- Nominiais derivados pelo sufixo -ivo

Verbo	Nome	Função temática
aderir	adesivo	instrumento
alternar	alternativa	locativo
abrir	aperitivo	instrumento
arquivar	arquivo	locativo
dar	dádiva	tema
doar	donativo	tema
executar	executivo	instrumento <sup>34</sup>
paliar	paliativo	instrumento
sedar	sedativo	instrumento
substanciar	substantivo	instrumento

19- Nominiais derivados pelo sufixo -nça

Verbo	Nome	Função temática
lembrar	lembrança	instrumento/tema
herdar	herança	tema
mudar	mudança	tema
semelhar	semelhança	tema
vingar	vingança	instrumento

20- Nominiais derivados pelo sufixo -ência

Verbo	Nome	Função temática
confluir	confluência	locativo
divergir	divergência	locativo
exigir	exigência	tema
ocorrer	ocorrência	tema

21- Nominiais derivados pelo sufixo -iz

Verbo	Nome	Função temática
aprender	aprendiz	agente

22- Nominiais derivados por -Ø (ou derivação regressiva)

Verbo	Nome	Função temática
abonar	abono	instrumento/tema
abrigar	abrigo	locativo
acordar	acordo	instrumento
acrescentar	acrécimo	tema
acumular	acúmulo	tema
agourar	agouro	tema
argumentar	argumento	instrumento/tema
arquivar	arquivo	locativo/tema

Verbo	Nome	Função temática
alvejar	alvo	tema
amarrar	amarra	instrumento
ameaçar	ameaça	instrumento
mostrar	amostra	tema
anexar	anexo	tema
anunciar	anúncio	tema
aparar	apara	tema
asilar	asilo	locativo
assassinar	assassino	agente
assentar	assento	instrumento/locativo
assobiar	assobio	tema
atalhar	atalho	locativo
batucar	batuque	tema
caçar	caça	tema
calcular	cálculo	tema
caminhar	caminho	locativo
carregar	carga	tema
censurar	censura	instrumento
cercar	cerca	instrumento
charquear	charque	tema
chanfrar	chanfro	tema
chorar	choro	tema
chover	chuva	tema
cimentar	cimento	instrumento
cingir	cinta	instrumento
coagular	coágulo	tema
cobrir	coberta	locativo

Verbo	Nome	Função temática
colonizar	colônia	tema
compendiar	compêndio	locativo
comprar	compra	tema
conceituar	conceito	tema
confeitar	confeito	tema
conquistar	conquista	tema
contar	conta (quantia)	tema
contar	conto	tema
conversar	conversa	tema
convidar	conviva	tema
copiar	cópia	tema
cortar	corte	tema
cozer	cozido	tema
criar	cria	tema
criticar	crítica	instrumento
criticar	crítico	agente
crivar	crivo	tema
cruzar	cruz	locativo
cuspir	cuspe	tema
debater	debate	tema
debuxar	debuxo	tema
denunciar	denúncia	instrumento
descarregar	descarga	locativo/tema
desenhar	desenho	tema
destacar	destaque	tema
desterrar	desterro	locativo
destinar	destino	locativo

Verbo	Nome	Função temática
discursar	discurso	tema
dominar	domínio	locativo
dosar	dose	tema
embrulhar	embrulho	tema
emplastar	emplastro	tema
empregar	emprego	locativo
emprestar	empréstimo	locativo
encaixar	encaixe	locativo
encalhar	encalhe	tema
encontrar	encontro	locativo
encostar	encosto	instrumento/locativo
endossar	endosso	instrumento
enfeitar	enfeite	instrumento
engaiolar	gaiola	locativo
engatar	engate	instrumento/locativo
engastar	engaste	instrumento/locativo
engavetar	gaveta	locativo
enjaular	jaula	locativo
entalhar	entalho	tema
enunciar	enunciado	tema
enxertar	enxerto	tema
errar	erro	tema
escalar	escala	locativo
escolar	escola	locativo
escravizar	escrava	tema
escrever	escrito	tema
estabular	estábulo	locativo

Verbo	Nome	Função temática
estampar	estampa	tema
estatuir	estatuto	tema
exilar	exílio	locativo
extrair	extrato	tema
fabricar	fábrica	locativo
fechar	fecho	instrumento
fazer	feito	tema
fermentar	fermento	instrumento
fumar	fumo	tema
furtar	furto	tema
galantear	galanteio	instrumento
gangorrear	gangorra	locativo
ganhar	ganho	tema
garimpar	garimpo	locativo
gastar	gasto	tema
glosar	glosa	tema
gritar	grito	tema
idealizar	idéia	tema
impor	imposto	tema
indicar	índice	instrumento/locativo
haver	haver	tema
hospitalizar	hospital	locativo
jantar	janta	tema
jorrar	jorro	tema
jurar	jura	tema
lascar	lasca	tema
lavar	lavabo	locativo

Verbo	Nome	Função temática
lavar	lavra	locativo/instrumento
limitar	limite	locativo
listar	lista	tema
matar	morto	tema
mendigar	mendigo	agente
mentir	mentira	tema
merendar	merenda	tema
modelar	modelo	tema
moldar	molde	instrumento
negociar	negócio	locativo
orar	oração	tema
parcelar	parcela	tema
passear	passeio	locativo
pastar	pasto	locativo
penhorar	penhor	tema
pertencer	pertence	tema
perder	perda	tema
pescar	pesca	tema
perguntar	pergunta	instrumento/tema
pesquisar	pesquisa	tema
planejar	plano	tema
possuir	posse	tema
policiar	polícia	agente
pregar	prego	tema
premiar	prêmio	instrumento
prender	presa	tema
pressagiar	presságio	tema

Verbo	Nome	Função temática
pretextar	pretexto	tema
processar	processo	instrumento
programar	programa	tema
projetar	projeto	tema
propor	proposta	tema
protestar	protesto	tema
provar	prova	instrumento
raspar	raspa	tema
receitar	receita	instrumento/tema
recompensar	recompensa	instrumento
recortar	recorte	tema
reforçar	reforço	instrumento
refugiar	refúgio	locativo
registrar	registro	instrumento
relatar	relato	tema
replicar	réplica	tema
represar	represa	instrumento
resgatar	resgate	instrumento
responder	resposta	instrumento/tema
ressalvar	ressalva	tema
restar	resto	tema
resumir	resumo	tema
retalhar	retalhe	tema
retalhar	retalho	tema
reverberar	revérbero	tema
roubar	roubo	tema

Verbo	Nome	Função temática
ruir	ruína	tema
segurar	seguro	instrumento
sentenciar	sentença	instrumento/tema
sobrar	sobra	tema
sobrescritar	sobrescrito	tema
sonhar	sonho	tema
soprar	sopro	tema
suar	suor	tema
sulcar	sulco	tema
suplicar	súplica	instrumento/tema
suspirar	suspiro	tema
tabelar	tabela	instrumento
talhar	talha	tema
testar	teste	instrumento
tocar	toque	tema
tornar	torno	instrumento/locativo
trabalhar	trabalho	locativo/tema
traçar	traço	tema
trajar	traje	tema
tramar	trama	tema
trancar	tranca	instrumento
trançar	trança	tema
transportar	transporte	locativo
tratar	trato	tema
tricotar	tricô	tema
vender	venda	locativo/tema
vestir	veste	tema

Verbo	Nome	Função temática
vigiar	vigia	agente
vincar	vinco	tema
votar	voto	instrumento
uniformizar	uniforme	instrumento

### 23- Nominais derivados por reduplicação

Verbo	Nome	Função temática
lamber	lambe-lambe	agente
pisca	pisca-pisca	instrumento
puxar	puxa-puxa	tema
remar	rema-rema	locativo
tremar	treme-treme	tema
trepar	trepa-trepa	locativo

## R E S U M O

HOSKEN, Gêuza Machado. Redundância morfológica e redundância semântica: uma reavaliação da interdependência. Juiz de Fora, 1979. UFRJ/UFJF, Instituto de Ciências Humanas e Letras. Dissertação de Mestrado. 127 fl. mimeo.

Esta dissertação é uma tentativa de se reavaliar a ligação entre redundância morfológica e redundância semântica no léxico. O esquema teórico adotado é a teoria do verbete pleno de Jackendoff, baseado na Hipótese Lexicalista de Chomsky, que explica as relações derivacionais lexicais dentro do léxico. Os dois métodos alternativos de avaliar redundância lexical propostos por Jackendoff, as formas permissiva e restritiva, são comparados em termos de sua capacidade de explicar o padrão distribucional de formas e sentidos, no paradigma de nomes temática e morfologicamente relacionados a verbos. A distribuição encontrada não é aleatória. Essa evidência leva à conclusão de que redundância semântica e redundância morfológica se requerem, conforme prevê a versão restritiva. Como há discordância entre essa conclusão e a de Jackendoff, sua evidência foi discutida e reinterpretada.

A B S T R A C T

HOSKEN, Gêuza Machado. Redundância morfológica e redundância semântica: uma reavaliação da interdependência. Juiz de Fora, 1979. UFRJ/UFJF, Instituto de Ciências Humanas e Letras. Dissertação de Mestrado. 127 fl. mimeo.

This thesis is an attempt to reevaluate the link between morphological and semantic redundancy in the lexicon. The theoretical framework adopted is Jackendoff's full-entry theory, based on Chomsky's lexicalist hypothesis to account for lexical derivational relationships within the lexicon. The two alternative methods of evaluating lexical redundancy envisaged by Jackendoff, the permissive and the restrictive forms, are compared in terms of their appropriateness to account for the distributional pattern of forms and meanings in the paradigm of nouns thematically and morphologically related to verbs. The distribution was found to be not random. This evidence points to the conclusion that semantic and morphological redundancy require each other, as predicted by the restrictive version. Since this conclusion is in disagreement with Jackendoff's, his evidence is discussed and reinterpreted.